



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ALBÉRIO CAMPOS DE ARAÚJO

VAISHNAVISMO E ESPIRITISMO:
Possíveis equivalências conceituais em uma história conectada

JOÃO PESSOA-PB

2018

ALBÉRIO CAMPOS DE ARAÚJO

VAISHNAVISMO E ESPIRITISMO:
Possíveis equivalências conceituais em uma história conectada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, Área de concentração: Perspectivas histórico-filosóficas e literárias das religiões. Linha 1 – Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas das religiões.
Orientadora: Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

JOÃO PESSOA-PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663v Araujo, Albério Campos de.

Vaishnavismo e Espiritismo: Possíveis equivalências
conceituais em uma história conectada. / Albério Campos
de Araujo. - João Pessoa, 2018. 67 f.

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/Educação.

1. Vaishnavismo - Espiritismo - Equivalências. I.
Gnerre, Maria Lúcia Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

ALBÉRIO CAMPOS DE ARAÚJO

VAISHNAVISMO E ESPIRITISMO:
Possíveis equivalências conceituais em uma história conectada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, Área de concentração: Perspectivas histórico-filosóficas e literárias das religiões. Linha 1 – Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas das religiões.
Orientadora: Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Fabrício Possebon
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof. Dr. Thiago Pelúcio
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*"VAISHNAVISMO E ESPIRITISMO: POSSÍVEIS EQUIVALÊNCIA CONCEITUAIS
EM UMA HISTÓRIA CONECTADA"*

Albério Campos de Araújo

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Maria Lucia Abaurre Gnerre
(orientadora/PPGCR/UFPB)

Thiago Pelucio Moreira
(membro-externo/UFPB)



Fabricio Possebon
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 28 de junho de 2018.

Aos meus pais, Abel Eliseu de Araújo e
Luzinete Campos de Araújo, pelo incentivo
aos estudos, paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

A Prof. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre, pela excelente orientação, paciência e pertinentes comentários e indicações.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof. Dr. Fabrício Possebon e Prof. Dr. Thiago Pelúcio, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Especialmente para minha esposa Alcinda Lidgya, por sugerir, entre muitos temas, esse estudo de análise entre as tradições religiosas do Espiritismo e do Vaisnavismo.

Aos meus filhos Nirvana Araújo e Augusto Havir, pelo apoio em todos os momentos.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

Para a alma, em tempo algum existe nascimento ou morte. Ela não passou a existir, não passa a existir e nem passará a existir. Ela é não nascida, eterna, sempre-existente e primordial. Ela não morre quando o corpo morre. Baghavad-Gita. 2.20.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre as tradições religiosas, Vaisnavismo Gaudhya e Espiritismo. Buscou-se uma análise comparativa entre os termos escolhidos dentro das duas tradições, são eles: Deus, Alma, reencarnação, sofrimento e libertação. O objetivo geral foi a busca por uma aproximação conceitual entre palavras diferentes e uma possível interlocução. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido, foi possível demonstrar a similaridade entre conceitos e ideias comuns nas duas tradições, além de um panorama sobre a história de cada uma. Para o embasamento teórico utilizou-se a Bhagavad-Gita, de A.C Bhaktivendanta Swami e a versão do Indólogo Alemão Georg Feuerstein em confrontação ao Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. O método utilizado foi a análise das fontes primárias citadas e a comparação entre os termos presentes nas duas vertentes, tendo como resultado a constatação de que há equivalências entre os conceitos escolhidos para análise bem como diferenças no campo da interpretação.

Palavras-chave: Hinduísmo- Espiritismo-Vaishnavismo Gaudhya, aproximação

ABSTRACT

This work is a study on the religious traditions, Vaisnavism Gaudhya and Spiritism. We seek a comparative analysis between the terms chosen within the two traditions, which are: God, Soul, reincarnation, suffering and liberation. The general objective is the search for a conceptual approximation between different words and a possible interlocution. According to the bibliographical study developed, it is possible to demonstrate the similarity between concepts and ideas common to both traditions, as well as a panorama about the history of each one. Have been used for the theoretical background the Bhagavad-Gita of A.C Bhaktivendanta Swami and the version of the German Indologist Georg Feuerstein, in confrontation to the Book of Spirits of Allan Kardec. The used method was the analysis of the primary sources cited and the comparison between the terms present in the two strands, resulting in the finding that there are equivalences between the concepts chosen for analysis as well as differences in the field of interpretation.

Keywords: Hinduism, Gaudhya Vaishnavism, Spiritism, approach

Lista de Abreviaturas:

L.E - Livro dos Espíritos

L.M - Livro dos Médiuns

E.E - Evangelho segundo o Espiritismo

B.G – Bhagavad-gita

B.G.F- Bhagavad-gita, versão de Feuerstein.

Lista de Figuras

Figura 1 : Allan Kardec e A.C.Bhaktivendanta Prahupada.....	46
Figura 2 : Samsara- ciclo de nascimentos e mortes.....	57
Figura 3 e 4: Karma.....	59

SUMÁRIO

1	Introdução:Buscando uma possível conexão entre o Hinduísmo e Kardecismo.....	12
2	Vaishnavismo Gaudhya: uma breve história.....	25
3	Da História do Pensamento Espírita em Kardec:.....	36
4	Equivalências conceituais.Uma História conectada?.....	46
5	Conclusão.....	63
6	Referências.....	64

1.BUSCANDO UMA POSSÍVEL CONEXÃO ENTRE O KARDECISMO E O HINDUÍSMO:

O presente trabalho visa um estudo sobre as possíveis aproximações conceituais em relação a algumas ideias ou concepções tais como, de deus, carma, morte, reencarnação, alma, matéria, sofrimento e libertação do sofrimento, entre duas perspectivas religiosas, uma dentro do universo do Hinduísmo, a outra na perspectiva do Espiritismo. Conforme Paden(2012), comenta que, além disso, “existem no estudo da religião muitos termos que são análogas ou complementam a ideia de perspectiva”. Entre eles: discursos, paradigmas, narrativas, jogos de linguagem, práticas de conhecimento, protótipos, quadros de referência. E falamos igualmente em tropos, esquemas, modelos, propostas, mapeamentos, temas e, claro teorias.É por meio de tais filtros que uma religião é escolhida para fins de descrição e análise. Cada um desses termos paralelos carrega, inclusive certa proposta conceitual.

O termo "Espiritismo" (do francês: Spiritisme) nasceu como um silogismo criado pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivai (Allan Kardec) para nomear especificamente o corpo de ideias por ele sistematizadas em O Livro dos Espíritos (1860), segunda edição, que foi reedita pela 8ª vez para o português em 2004, traduzida por Salvador Gentile e estamos utilizando nesse estudo.

Sobre o Hinduísmo, nos lembra Aisnlee Embree(1972), o cenário físico é a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo a Índia, uma palavra que os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamavam o grande rio Sindhu (moderno indu) de “Hindu”. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo. mais precisamente a corrente do Vaishnavismo (Vaisnava dharma).

O vixnuísmo ou vaishnavismo (vaishnava dharma) é uma tradição hindu, que se distingue de outras escolas por sua adoração da divindade Vishnu, ou de seus avatares associados (Rama e Krishna), na categoria de original e supremo deus. Suas crenças e práticas baseiam-se em grande parte nos Upanishads, na Bhagavad-gita, Padmapurana e Srimad Bhagavatam.

A motivação para essa pesquisa, surgiu após a leitura de livros sobre as duas correntes acima mencionadas, além de estudos em instituições que tratam filosoficamente e doutrinariamente desses mesmos temas, tais como a União Espírita Amor e Caridade,

Sociedade Teosófica, Antiga e Mística Ordem da RosaCruz e a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna.

Tanto a temática voltada para o Hinduísmo como a do Espiritismo merecem atenções por parte da academia, tendo em vista a importância dessas duas correntes religiosas e doutrinária para o mundo Ocidental, seja no tocante a leitura em si de suas obras ou colocando em prática os ensinamentos de seus mestres. Parecemos um tanto destoante fazer um estudo sobre duas tradições, diríamos, distantes uma da outra, mas, olhando com mais cuidado percebe-se algumas equivalências conceituais entre elas, alguns fariam em “conceitos universais” que podem “ligar” esses universos religiosos. Mesmo entendendo a presença do Cristianismo na Doutrina Espírita, não pretendemos lançar um olhar comparativo entre o Evangelho e o Hinduísmo, ou melhor dizendo, nosso foco não será o Cristianismo como parâmetro para análise.

Como nos aponta Martins(2016,p.25), querer avaliar todas as religiões do mundo, de todas as épocas, utilizando como padrão uma religião específica e considerando como imperfeita qualquer outra que não seja idêntica a ela, é indicação de uma pobreza cultural e de uma falta de compreensão da maravilhosa multiplicidade religiosa que o mundo nos oferece. Pensando a partir dessa afirmação nos lançar na busca pela compreensão de conceitos que estão presentes tanto nas tradições Hinduístas, quanto nas Espíritas, esse é a base para esta pesquisa.

Os estudos acadêmicos sobre as variadas tradições religiosas são de fato, grandiosamente importantes, por oferecer ao público, seja ele, acadêmico ou não, religioso ou leigo, a oportunidade de entrar em contato com temáticas diversas, sem necessariamente pertencer a nenhuma denominação. O presente estudo justifica-se pela necessidade de conhecer objetivamente conceitos de duas importantes tradições, tais como o Vaishnavismo (Vaisnhava dharma) que faz parte da tradição hindu do século XV da era cristã, tomando por base para este estudo da obra Bhagavad-Gita e da Doutrina Espírita codificada por Alan Kardec no século XIX, e em seguida propor uma aproximação ou equivalências desses conceitos ou concepções, a exemplo de Deus, alma, reencarnação, carma e sofrimento, pretendendo um olhar analítico descritivo sobre essas questões na tentativa de contribuir para tornar compreensíveis esses temas. Mesmo sendo a proposta deste estudo, é interessante atentar para o que as considerações sobre comparação, no sentido metodológico, as comparações exigem um enquadramento controlado, isto é, em vez de entidades, culturas e fenômenos “totais”, devem-se comparar características e funções previamente selecionadas. Nem toda peregrinação é

“igual”, mas podem-se encontrar nelas pontos de semelhança ou características comuns.

Semelhanças e analogias cuidadosamente selecionadas, no que diz respeito a comportamentos míticos e rituais, não implicam que os exemplos sejam idênticos. Em outras palavras um padrão comparativo pode eleger um ponto de semelhança que possua interesse interpretativo e ainda deixem intactos todos os outros significados e contextos. (PADEN 2016). Não sendo uma tarefa das mais fáceis, precisamente, pensamos em equivalências e aproximações.

Pensando o contexto no qual Allan Kardec, esteve inserido nos auxiliará na tentativa de entender como obteve contato com obras religiosas da Índia, especialmente, a obra Bhagavad-Gita, notando que o século XIX nos oferece, historicamente, um vislumbre da dimensão cultural, especialmente, a religiosidade oriental, no caso o hinduísmo. Na obra El Espiritismo de Yvonne Castellan(1996), relata que:

Reconhecemos facilmente hoje em dia os elementos orientais da doutrina, além de uma grande tolerância: a sobrevivência do espírito(o Atman) em um veículo material; a noção de karma, os efeitos de nossas ações que persistem até extinguir-se, a passagem de almas desencarnadas para outro mundo e seu retorno à Terra em uma nova encarnação até encontrar o nirvana a beatitude final, todo isto faz parte do hinduísmo tradicional, de inspiração védica.

E Castellan continua suas afirmações quando da seguinte pergunta: Allan Kardec, havia tido, intelectualmente, conhecimento deste fundo oriental? Sim, sem dúvida alguma. Não duvidemos que no ocidente os estudos da Índia havia sofrido um eclipse total durante cerca de quinze séculos, mas naquele momento em que trabalhou e escreveu Kardec, eles saem daquele longo sonho. Adiante, pretendemos analisar o que seria esse “sonho” que Castellan fala em sua obra.

No caminhos que propomos esta pesquisa, encontramos a abordagem acadêmica da professora Dra. Maria Lucia Abaurre no artigo intitulado de “ Transmigração da alma e reencarnação: uma análise comparativa entre o hinduísmo e o espiritismo” na revista Diversidade Religiosa, v. 1, n.1, 2014, p.9. O artigo propõe uma abordagem comparativa no tratamento do tema da reencarnação e transmigração da alma, trabalha com a obra hinduísta Bhagavad-Gita, relacionando o tema com o espiritismo de Kardec, no séc.XIX, objetivando relacionar as semelhanças, divergências e ideias adicionadas a este conceito nestes dois contextos distintos (a Índia antiga e o Espiritismo moderno). Trataremos desse tópico mais adiante, seguindo os passos de GNERRE, buscando uma aproximação entre os entendimentos de Hindus e Espíritas, acerca da ideia de transmigração da alma.

Encontramos a dissertação da pesquisadora Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves. Comunicação com os mortos : espiritismo, mediunidade e psicografia. 2010. (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010, que faz uma análise do Espiritismo, sua gênese, desenvolvimento e funcionamento, essa obra nos trouxe uma visão mais ampla sobre a Doutrina no Brasil.

A obra de Herculano Pires, autor Espírita, “O Espírito e o Tempo”(2013,11ªEdição) nos coloca o Espiritismo como uma possibilidade para o estudo antropológico, analisando o espírito no tempo e no espaço em diversas culturas, assim como ele mesmo fala, quando se trata da questão da permanência do ser espiritual,

Nas coordenadas do tempo e da evolução o espírito humano amadureceu para a compreensão de sua realidade íntima, indestrutível, carregada de potencialidades que o declínio físico não pode afastar. ...Nossa consciência de relação, estrutura mental do imediato, pode manter-se perplexa ante o mistério da vida, mas a consciência profunda, registro milenar das experiências evolutivas, guarda o segredo da imortalidade do ser.(PIRES.pág.351)

Outra abordagem foi feita com relação ao espiritismo na Revista Super interessante de 2014, mesmo não sendo uma publicação acadêmica, a matéria trata dos bastidores da criação desse novo ramo de saber que mesclava ciência, filosofia e doutrina em algo nunca visto antes, ou se visto, ignorado, nas “sessões” onde os espíritos podiam entrar contato com o mundo dos vivos. Essa abordagem pode servir ao público, como um primeiro contato com o tema.

Em 75 anos de trabalho, Chico Xavier conseguiu fazer do Brasil a maior nação espírita do mundo. Mais de 3,8 milhões de brasileiros se dizem seguidores da religião. contando os simpatizantes, o número pula para 30 milhões

Com relação ao estudo sobre o Hinduísmo, mais precisamente, o Vaisnavismo propomos um estudo entre o livro Bhagavad Gītā, ("Canção de Deus"), vamos utilizar como fonte para esta pesquisa a versão traduzida para o ocidente por A.C Bhaktivedanta Swami Prabhupada, neste caso a edição brasileira de 1994. Este diálogo transcendental apareceu na Índia. faz parte do épico Mahabharata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. Na versão que o inclui, o Mahabhárata é datado no séc. IV a.C, o texto, escrito em sânscrito, relata o diálogo da divindade Krsna ou Krishna, considerada na Índia, por boa parte de sua população como sendo, a Suprema personalidade de Deus, a Verdade Absoluta com Seu (seu discípulo guerreiro) Arjuna em pleno campo de batalha, Kurukshetra ou a terra dos Kurus, e o Livros dos Espíritos(1860),

com base para aproximação conceitual entre duas correntes do pensamento religioso na atualidade, sendo o Vaisnavismo e o ¹Espiritismo.

Sobre o Vaisnavismo, encontramos o livro Max Weber e a Índia: O Vaishnavismo e seu yoga em formação(2009) do pesquisador e professor da Universidade Federal de Campina Grande, Arilson Oliveira, aonde, inicialmente, expõe a definição e história do Vaishnava-Dharma, seguindo de capítulos relacionados aos Varnasrama-dharma, sua estrutura, funções e desenvolvimento.

Embora tenhamos apontado para dificuldades sobre fontes, conseguimos catalogar algumas importantes pesquisas que nortearam nossos estudos, dentre elas, encontramos a tese de doutorado do pesquisador Lúcio Valera, A Mística Devocional (bhakti) como experiência estética (rasa): um estudo do bhakti-rasāmṛta-sindhu de rūpa gosvāmī(2015), na qual o autor analisa a tradição consolidação da tradição Vaishnava no século XVI na Índia, especialmente o culto de Bhakti, com a presença marcante de Caitanya Mahāprabhu (1486-1533), considerado pela tradição como o maior expoente da yoga pela devoção, ou Bhakti-yoga.

Com relação ao Vaishnavismo no Brasil, apontamos o ensaio do pesquisador Leon Adan G. de Carvalho, O Movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996), que apresenta a história da formação do primeiro grupo de Vaishnavas no Nordeste brasileiro por volta dos anos 70, mostrando as dificuldades para fixar o pensamento indiano em terras nordestinas. Ainda nesse caminho, encontramos um artigo do professor Silas Guerriero, O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental, publicado em 2001, na Revista de Estudos da Religião Nº 1 / 2001 / pp. 44-56.

Segundo Oliveira (2009) o termo “vaishnavismo” é utilizado pelos indólogos modernos para indicar a manifestação histórica do sistema filosófico-religioso dos adoradores de Vishnu, mais conhecidos como os Vaishnavas, no caso do Brasil, a presença do vaisnavismo inicia-se na década de 70, ganhando força com a construção de centros de estudos e comunidades agrárias a partir de 1980.

Embora estas correntes religiosas sejam de épocas diferentes, alguns conceitos comuns fazem parte do corpo doutrinário e filosófico de ambas, sendo nesse “comum” o foco para nossa análise, levando em consideração o contexto no qual esteve inserido

¹ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. O Espiritismo como um sistema religioso, um sistema de crenças e práticas que se inclui no quadro maior de religiões mediúnicas.

Allan Kardec, tentar perceber como o discurso imperialista do séc. XIX, marcou os primeiros olhares sobre o Oriente, como obras religiosas orientais foram recepcionadas, Edward Said em seu livro *Orientalismo* faz um estudo profundo sobre essa relação entre o Ocidente e suas investidas sobre o mundo oriental. Said(1978) ,faz várias definições sobre o “Orientalismo”, observa que :

“é um estilo de pensamento baseado numa distinção epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente”. Assim um grande número de poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, tem aceitado a distinção básica entre o Leste e o Oeste como ponto de partida para teorias elaboradas, epopéias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, “mentalidade”, destino e assim por diante.

A preocupação nesse momento é traçar um panorama histórico para tentar compreender como ocidentais recepcionaram temas Orientais, especialmente na religião. Sendo a maior e mais instigadora questão, entender como e por que Kardec introduziu em sua doutrina, visivelmente cristã, ideias e conceitos do Hinduísmo. Fruto do intelectualismo do séc XIX, ou uma maneira de dá credibilidade ao seu pensamento, entre os eruditos da época, ainda não sabemos, porém pretendemos analisar e buscar respostas em nossa pesquisa.

A ideia de Said(1978.p.13) é que o Orientalismo deriva de uma intimidade particular experimentada entre a Grã-Bretanha, a França e o Oriente, que até o início do século XIX significava apenas a Índia e as terras bíblicas. Do começo do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, a França e a Grã-Bretanha dominaram o Oriente e o Orientalismo. Desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos dominam o Oriente, abordando-o como a França e a Grã-Bretanha outrora o fizeram. Dessa intimidade, cuja dinâmica é muito produtiva, mesmo que sempre demonstre a força relativamente maior do Ocidente (britânico, francês ou americano), provém o grande corpo de textos que Said chama de orientalistas.

Um segundo veículo para a apropriação cultural dos interesses imperiais franceses foi o conjunto de novas ciências, envoltas em certo glamour e possibilitadas originalmente pelas aventuras napoleônicas ultramarinas. Isso reáete com perfeição a estrutura social do saber francês, muito diversa da vida intelectual da Inglaterra, dileitante e muitas vezes incomodamente démodée. Os grandes institutos de estudos em Paris (apoiados por Napoleão) exerceram enorme influência no surgimento da arqueologia, linguística, historiograaa, orientalismo e biologia experimental (muitos deles participando ativamente da *Description de l’Egypt* [Descrição do Egito]). De maneira típica, os romancistas citavam discursos academicamente regrados sobre o Oriente, a Índia e a África — Balzac em *La peau de chagrin* [A pele de onagro] ou *La cousine Bette* [A prima Bette], por exemplo — com uma segurança e um brilho de especialista muito pouco britânicos. Nos escritos dos ingleses que residiam no estrangeiro, de lady Wortley Montagu aos Webb, temos uma linguagem de observação casual, e nos

“especialistas” coloniais (como sir Thomas Bertram e os Mill), uma atitude estudada, mas basicamente distante e não oficial; na prosa administrativa ou oficial, que encontra um exemplo famoso na Minuta sobre a Educação Indiana de Macaulay, de 1835, sobressai uma dureza arrogante, mas sempre um tanto pessoal. Raramente vemos isso na cultura francesa do começo do século XIX, na qual o prestígio oficial da academia e de Paris molda toda e qualquer declaração. (SAID,1978.p.128)

Esses conjuntos de interesses relatados acima, acabam por influenciar de diversas formas, pensadores, escritores e uma série de pessoas interessadas no Oriente.

O que de fato inquieta e move este presente estudo é investigar a possível conexão feita a partir de Kardec com conceitos oriundos do pensamento religioso Hindu, por exemplo. A ideia de reencarnação, presente tanto na tradição Vaishanava quanto na Doutrina de Kardec. Segundo vários historiadores, a mais antiga fonte histórica onde se encontram referências à reencarnação estão nos Upanishads – escritos filosóficos e religiosos dos indianos. Assim comenta Bhagavan Dasa:

A informação mais fundamental sobre a reencarnação aparece no Bhagavad-gita, a essência do conhecimento védico e uma das mais importantes Upanishads. O Bhagavad-gita foi falado há cinquenta séculos pelo Senhor Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, para Seu amigo e discípulo Arjuna num campo de batalha ao norte da Índia. O campo de batalha é um lugar perfeito para uma discussão sobre a reencarnação, pois, em combate, os homens defrontam-se diretamente com as fatais perguntas sobre a vida, a morte e a vida futura.(DASA[2015])

Esta doutrina de reencarnação é bem mais antiga do que a doutrina de consulta aos mortos: ela foi propagada pelos sacerdotes que oficiavam os rituais prescritos nos Vedas e introduzida entre o povo pelo Varna dos brâmanes. Embora essa explicação seja bastante simples, entendemos que em linhas bem gerais os sacerdotes valorizavam o conceito de vidas sucessivas, além, de cumprir com um rigoroso protocolo ritualístico, com o propósito de inspirarem respeito dos outros grupos sociais da Índia, para que assim fossem mantidos como superiores e protegerem seus privilégios, nascendo assim o sistema de castas, considerado por muitos estudiosos com sendo a sistematização grosseira, ou mesmo uma corrupção do Varnasrama Dharma original proposta nas ²Sastras.

Com relação ao sistema de castas, afirma Florência Costa:

A origem exata do sistema de castas continua um enigma. Teria surgido durante o período Védico, entre os anos 1500 a.C. e 600 a.C., quando foram produzidos os Vedas, textos religiosos, assunto do capítulo “Mitologia versus História”. A codificação de castas começou realmente depois do chamado Manusriti (por volta

² De acordo com Monier Williams, Sanskrit-English Dictionary, Oxford University Press, Śāstra é uma palavra em sânscrito que significa "preceito, regras, manual, compêndio, livro ou tratado" em um sentido geral. A palavra é geralmente usada como um sufixo no contexto da literatura indiana para o conhecimento técnico ou especializado em uma área definida de prática.

do século iv d.C.), uma espécie de código de conduta. Nele havia conceitos sobre comida pura e impura, ritos de casamento e punições para quem desafiasse o que estava escrito. (COSTA, 2012, pág.20)

Continua, tratando o assunto da rigidez das castas, comentado que no século VI a.C., dois príncipes xátrias criaram o jainismo e o budismo como contraposição ao sistema de castas pregado pelo bramanismo, como eram chamados os vários cultos hindus naquela época. O príncipe Siddharta Gautama – o Buda – nunca aceitou o casteísmo pregado pelos sacerdotes brâmanes, mas vários movimentos reformistas dentro do hinduísmo durante a história pregavam a igualdade entre as pessoas. O movimento Bhakti, por exemplo, na Idade Média, se rebelou contra as distinções de casta e descartou rituais bramânicos. (COSTA,op.cit.pág.21)

A abordagem sobre a reencarnação é uma das mais importantes leis dentro do espiritismo, leia-se, ³Kardecismo. A importância é capital, sem ela, perderia toda sua base filosófica. Por sua vez, Allan Kardec assim se expressa sobre a reencarnação em seu livro “A Gênese”, Ed. 1985, pág. 30:

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma Lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

A Doutrina Espírita ensina que nossa vida atual neste mundo é repetição de outras existências vividas em outros corpos, ou seja, o estabelecimento de soluções em parcelas, de pendências comportamentais. Em conformidade, temos:

Todos os espíritos tendem à perfeição e, para isso, Deus fornece os meios pelas provas da vida corpórea; mas, sem sua justiça, facultá-lhes realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova. (Livro dos Espíritos, pág.109)

Tendo realizado algumas considerações iniciais, podemos dizer, portanto, que a preocupação maior dessa pesquisa é estudar e propor possíveis equivalências ou aproximações conceituais entre o Vaishnavismo e o Espiritismo, levando em consideração suas peculiaridades e temporalidades, tendo em vista que, mesmo um mesmo conceito,

³Doutrina reencarnacionista formulada por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, escritor francês, 1804-1869), que pretende explicar, o movimento cíclico pelo qual um espírito retorna à existência material após a morte do antigo corpo em que habitava, o período intermediário em que se mantém desencarnado, e a evolução ou regressão de caráter moral e intelectual que experimenta na continuidade deste processo.

estando presente nas duas tradições, alguns estudiosos podem exergar de formas diferentes. Da Bhagavad-Gita, por exemplo, podemos citar

De fato nunca houve um tempo em que eu não fui, ou quando tu e esses príncipes não foram. Nem é verdade que, depois desta vida, iremos todos deixar de ser. Assim como infância, juventude e velhice são atributos dados à alma através de seu corpo, ainda assim, ela adquire um novo corpo. O sábio não se confunde sobre isso."(Cap. 2. Resumo do Conteúdo do Gita ,12-13)

Conforme Mahesvara Prabhu(2012),como praticante do Vaishnavismo, ele aponta para a diferença entre os ensinamentos das escrituras Védicas e as escrituras de outras religiões é que as outras escrituras foram apresentadas em sociedades mais ou menos primitivas, onde existia um conhecimento não muito elaborado sobre espiritualidade, filosofia, princípios sociais e de moralidade. Na cultura Védica o conhecimento foi apresentado, sem nenhuma restrição, a uma sociedade muito elevada, a qual foram apresentados os princípios eternos da espiritualidade. Temos como um exemplo o Srimad Bhagavatam, no qual Srila Suta Gosvami expõe o conhecimento transcendental para grandes sábios eruditos com altíssimo grau de entendimento espiritual, na floresta de Naimisharanya.

Levando em consideração o lugar e o contexto no qual eles foram apresentados, seja, na Índia ou no Ocidente, buscamos aproximar e analisar os conceitos , para tanto, entender o contexto histórico do surgimento do Espiritismo e além disto:

- ❖ Levantar informações sobre os conceitos próprios de cada tradição.
- ❖ Verificar nas escrituras, Bhagavad Gita e Livros dos Espíritos, possíveis semelhanças entre concepções sobre Deus, alma, reencarnação, carma, origem e liberação/libertação do sofrimento.
- ❖ Propor uma aproximação ou equivalências na explicação dos termos usados entre as duas tradições religiosas proposta para este estudo.

Destacamos nessa pesquisa um certo grau de dificuldade na realização de um estudo comparativo ou de aproximações entre o Vaisnavismo e o Espiritismo, devido á escassez de fontes específicas ou trabalhos que sirvam de referencial, alguns já foram citados, embora, sendo possível tomar como base sua construção a partir de conceitos específicos, o objetivo central da discussão das é a análise de termos que integram essas experiências religiosas, bem como, dos valores culturais a ela relacionados.

Conforme Gonçalves(2010), ao iniciarmos o levantamento dos teóricos que já trabalharam sobre o tema em questão, ou melhor, sobre a doutrina Espírita, surpreendemo-nos ao descobrir que as nossas suspeitas encontraram ecos nas falas de brasileiros que, atualmente, exercem atividade nesse campo. O interesse das ciências humanas pelo campo religioso espírita é muito recente. As obras que se sedimentaram, enquanto referência teórica para os futuros pesquisadores, são escassas. Apesar de substanciais, as contribuições até então produzidas são insuficientes para dar conta da complexidade desse campo de estudo.

Propõe-se uma breve análise nesta dissertação, de alguns conceitos: um sobre Deus e outro sobre a alma e sua pressuposta eternidade, de acordo com suas escrituras, presentes tanto na corrente Vaishnava quanto no Espiritismo. Para tanto, segue um excerto do artigo “Transmigração da alma e reencarnação”, de Gnerre e Cavalcante (2014) norteia o campo da pesquisa quando comentam, no tocante à morte que:

(...) querendo ou não, crendo ou descrendo neste conceito, segundo estes ensinamentos todos inevitavelmente estão presos neste ciclo de renascimentos, a roda do samsara por conta do karma (fruto das ações), até o momento em que o atma (alma) evolui espiritualmente e consegue a moksa (liberação) e liberta-se definitivamente.

O trecho citado traz algumas categorias utilizadas tanto no Vaishnavismo quanto no Espiritismo, o que pode divergir do ponto de vista conceitual com relação, por exemplo ao Samsara, que não é citado no Livro dos Espíritos, porém, pressupõem-se uma ideia similar ao tratar o possível renascimento da ⁴alma. Já o termo Atma, também considerado como ⁵Jiva para atender a categoria de algo individual e eterno, que pode renascer.

Ainda com relação à alma, comentam que:

“este assunto da transmigração da alma, que faz parte da crença da maior parte da população da Índia e de outros países próximos é bastante conhecido no ocidente como reencarnação. A concepção indiana não corresponde exatamente a este termo cunhado, sobretudo no âmbito da tradição espírita que se desenvolve no século XIX”⁶.

Um outro exemplo é a definição de Deus na Doutrina Espírita, “Ele é eterno, imutável, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom”⁷, enquanto a definição no Vaishnavismo segue comentando que ⁸Brahma seria o Deus criador desse universo,

⁴ No Livro dos Espíritos a alma é considerada o ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo.

⁵ Jiva-bhutah — a entidade viva condicionada.

⁶ Ibid, pág.3

⁷ Livros dos Espíritos, introdução VI pág. 21

⁸ Na religião hindu, Brahma é o primeiro Deus da Trimúrti, uma trindade do hinduísmo.

enquanto que Vishnu seria a Verdade Absoluta, portanto, estaria acima de categoria de um possível arquiteto.

Outros problemas podem surgir quando da tentativa de comparação ou mesmo da transliteração de algum termo, tal como aponta

Vale a pena lembrar que o termo Atman diz respeito ao Hinduísmo e sistemas de pensamentos originários na Índia. Qualquer outra reconceituação feita por outros sistemas de pensamento (por ex: teosofia, esoterismo, espiritismo etc) pode estar conduzindo a um equívoco do termo original. Sendo recomendado aos praticantes desses sistemas buscarem palavras em seus idiomas originais para não conduzir as pessoas a equívocos quanto a esses termos que já estão plenamente e claramente explicados dentro das doutrinas de origem.(MARTINS 2008, p. 35)

Acrescenta-se os apontamentos sobre a conceituação de reencarnação quando o autor demonstra a preocupação a seguir,

Conceitos como o de reencarnação, influência da mente sobre a matéria e os comportamentos das pessoas por sintonia mental, magnetismo animal e continuidade da vida individual após a morte do corpo carnal já eram conhecidos nos meios religiosos letrados brasileiros, especialmente, pela influência do espiritismo kardecista brasileiro. AGUIAR (20015,p.266):

Há de se questionar, todavia, quando o mesmo autor relata que a influência do conceito de reencarnação nos textos espíritas origina-se nos textos judaico-cristãos. Entende-se, porém, que essa conceituação vem antes do surgimento dessas religiões.

(...)A concepção de reencarnação no espiritismo tem base numa releitura da tradição da Torah e dos evangelhos, tem seu nexos relacionado ao caráter evolucionista da doutrina e um cunho notadamente judaico. (Ibdem, p.267).

A partir do que foi exposta até aqui, concebe-se a possibilidade e a viabilidade de se analisar e expor conceitos similares entre duas correntes religiosas, tendo como base as escrituras de ambas, bem como um estudo aprofundado no tocante aos conceitos por elas utilizados sem, no entanto, fazer algum proselitismo sobre algumas dessas vertentes, nem apontar para a fenomenologia. A pretensão é, objetivamente, trazer à luz do conhecimento acadêmico um tema recorrente entre os seguidores de suas tradições, fazendo um estudo de aproximações e não de comparação, Como afirmou Karnal(2011):

O maior problema da comparação entre religiões é cairmos na fenomenologia. Mircea Eliade, intelectual romeno, afirmou que o fato de as religiões serem universais e imemoriais, ou seja, pelo fato de não existirem povos naturalmente ateus e a religião ser anterior a todas as instituições, podemos considerar a espécie do Homo religiosus, uma universal significativa que nos permite comparar

todas as crenças. Novamente encontramos o problema de que não existe uma religião original, pura.

Vamos tentar nos manter na busca de um possível diálogo entre as tradições, por que , apesar, de alguns conceitos, parecerem equivalentes, os seguidores das tradições pesquisadas nesse trabalho, parecem não concordar totalmente que é plausível uma aproximação conceitual, segundo Mahesvara(2012) Apesar das doutrinas cristãs (o que inclui o pensamento Kardecista) possuírem algumas semelhanças com o Gaudiya vaishnavismo, não podemos comparar nossas escrituras diretamente, por não haver equivalência direta) mas poderemos encontrar dentro das próprias escrituras e crenças deles elementos que demonstrem contradições, inconsistências lógicas, filosóficas e etc.O Espiritismo, assim como o Gaudhya vaishnavismo, acreditam na reencarnação e no karma, porém de forma diferente. Quanto à reencarnação, os adeptos do Espiritismo não acreditam na possibilidade de um espírito voltar a se encarnar no corpo de um animal. Os espíritas entendem que reencarnar no corpo de um animal seria uma involução, o que contraria a “Lei do Progresso”, pois o espírito jamais poderia retrogradar.

Longe de ser algo definitivo, este estudo tem um caráter inicial que poderá ser lançado com base para outras análises, sobretudo pensar a possibilidade de uma melhor compreensão do público em geral, ou pesquisadores, além, dos membros que tem como opção as correntes religiosas tratadas neste estudo. Entendemos que no curso de Ciências das Religiões há espaço suficiente para o desenvolvimento desta pesquisa.

A metodologia a ser utilizada será, em parte, a pesquisa bibliográfica, observando principalmente as fontes primárias e outras, que tratam do mesmo assunto, e a pesquisa histórica-descritiva, Segundo LANTERNARI (1974,P.10):

“Quanto a nós, preferimos ater-nos ao método historicista, porque se revelou preste de resultados, porque, empregado com a devida consciência e com rigorosa adequação à realidade, sem qualquer dogmatismo e esquematismo, está em condições de explicar os fatos religiosos, isto é, justificá-los. Ora, justificar os fatos religiosos que dizer explicar-lhes a natureza, a função, a gênese e a dinâmica de origem interna (o desenvolvimento oriundo de fatores endógenos da cultura) ou externa(os desenvolvimentos e as transformações provenientes dos contatos e impactos com outras culturas”

Considerando a importância do estudo, toma-se como base o livro da tradição hinduísta o Bhagavad-Gita – como ele é, de Abhay Charanaravinda Bhaktivedanta Swami Prabhupada(1896-1977) foi um líder religioso hindu, fundador da Sociedade Internacional para a consciência de Krsna, praticantes do Vaishnavismo, comumente conhecida como

Movimento Hare-krsna e o Livro dos Espíritos de Hippolyte Léon Denizard Rivail(1804-1869) foi um influente educador que, sob o pseudônimo de Allan Kardec, notabilizou-se como o codificador do Espiritismo, neologismo criado por ele, também denominado de Doutrina Espírita.

Para Araújo(2016), podemos falar da interpretação dos ensinamentos dos Espíritos, ainda que não estejamos prontos para reconhecer a existência factual de Espíritos e da possibilidade de sua comunicação conosco, não vejo motivos para duvidar que Kardec tenha, em seu labor doutrinário, se debruçado sobre material bruto produzido por outrem.

Além de obras auxiliares, Estudo aprofundado da Doutrina Espírita (livro V), o Caitanya Caritamṛta de Kṛṣṇa Dāsa Kaviraj, edição brasileira de 1984, como o Srimad Bhagavatam (primeiro canto - parte um) Sri Sri Sikṣakā de Sri Caitanya Mahāprabhu.

Chaitanya Mahāprabhu (1486-1534) apareceu na região da Bengala(Índia) do século XVI e é expoente da tradição hindu de bhakti-yoga. É considerado o proponente do uso do maha-mantra hare-kṛṣṇa como meio de elevação espiritual e da linha de pensamento vedantista de acintya-bheda- abheda. Seus seguidores se autodenominam “gaudīya vāṣṇavas” e o reverenciam como uma encarnação (avatar) do deus hindu Viṣṇu ou Kṛṣṇa, conforme segue:

Esta tradição, com raízes no conhecimento védico e centrada na adoração de Viṣṇu ou Kṛṣṇa, ficou conhecida como Vaiṣṇavismo Gauḍīya. Ela foi estabelecida na região da Bengala no século XVI pelo santo vaiṣṇava Caitanya Mahāprabhu (1486-1534), e subsequentemente sistematizada por seus principais discípulos, os Gosvāmīs de Vṛndāvana, dos quais sobressai o grande teólogo, poeta e dramaturgo Rūpa Gosvāmī (1489-1564) que realizou, dentro dessa mística, a unidade entre a filosofia da estética e a filosofia da devoção.(VARELA, 2015)

Além da análise dos livros citados, a utilização de fontes não acadêmicas poderão ser confrontadas com as possíveis aproximações conceituais propostas, sendo também um dos desejos compreender como os seguidores do Vaishnavismo e do Espiritismo entendem os conceitos que ora propõe-se averiguar. A pesquisa desenvolve-se através da análise e leitura de outros livros, textos e artigos relacionados ao tema. Conforme, Willian Paden:

Sem uma perspectiva transcultural, o objeto de análise dos Estudos Religiosos restaria espalhado em casos isolados. Também seria impossível perceber o que há de diferente nos fenômenos religiosos, a menos que se pudessem encontrar pontos em comum em relação aos quais pudessem ser vistos como diferentes. [...] Se a religião dever ser objeto de estudo, então parece essencial que haja algum grau de consideração sistemática de suas características compartilhadas ou amplamente difundidas.(PADEN,2012.pág.24.)

Em linhas gerais, estruturamos nossa dissertação, da seguinte maneira, no primeiro capítulo expor uma possível aproximação entre a Doutrina Espírita e o Vaishnavismo no Ocidente, mostrando alguns questões centrais como similaridades e desencontros entre conceitos das duas tradições, um breve olhar sobre o Orientalismo, seguindo para um segundo capítulo com a história e prática do Vaishnavismo Gaudhya, especialmente, a prática no Ocidente, trazendo um esboço de sua história e desenvolvimento no Brasil, não analisaremos outras correntes(Sampradayas) desse pensamento, devido a escassez de fontes. Na terceira parte, analisar aspectos importantes da história do pensamento da Doutrina Espírita em Kardec, e finalizar apontando se é possível fazer conexão ou equivalência de termos, conceitos utilizados , tanto no Espiritismo, como no Vaishnavismo, no Brasil.

2. VAISHNAVISMO GAUDHYIA: uma breve história:

Antes de entrarmos na história e concepções próprias do Vaisnhavismo, devem entender como ele está situado dentro do universo do Hinduísmo, como aponta Valera(2015),

Podemos definir o Hinduísmo não como a religião da Índia, mas sim como o conglomerado de tradições religiosas que se identificam com as diferentes matrizes de escrituras védicas. Isso incluiria a maioria da população da Índia e do Nepal, bem como os membros de comunidades espalhadas pelo mundo, que se identificam como 'hindus' ou com outras denominações relacionadas, como 'vaiṣṇavas', 'śaivas', 'smartas', etc.

As terminologias hindu e hinduísmo, não são originárias da própria Índia, e sim, criações de estrangeiros, como afirma FLOOD,

O termo 'hindu' primeiramente foi usado como um termo geográfico persa que indicava as pessoas que viviam do outro lado do rio Indus (Sânscrito: sindhu). Em textos árabes, Al-hind é um termo usado para as pessoas da Índia contemporânea e 'hindu', ou 'hindoo', era utilizado nos fins do século XVIII pelos britânicos para indicar o povo do 'Hindustão', a área da Índia setentrional. Eventualmente 'hindu' tornou-se praticamente equivalente a um 'indiano' que não era muçulmano, sique, jaina ou cristão. O '-ismo' foi acrescentado ao 'hindu', por volta de 1830, para indicar a cultura e religião dos brâmanes de alta casta em contraste com as outras religiões e o termo logo foi apropriado pelos próprios indianos no contexto de estabelecer uma identidade nacional em oposição ao colonialismo. Ainda que, desde o século XVI, o termo 'hindu' tenha sido utilizado, em textos hagiográficos sânscritos e bengalis, em contraste com 'yavana' ou muçulmano (FLOOD 2006, p. 6).

Seguindo esse mesmo raciocínio, Valera(2015), afirma :

Algumas tradições ortodoxas bem como modernas do que nos é conhecido como Hinduísmo, independentemente de sua denominação, às vezes, preferem

identificar Hinduísmo com Sanātana-Dharma (a religião ou dever eterno) ou Vaidika Dharma (a religião dos Vedas).

Embora seja comum chamar a religiosidade da Índia de Hinduísmo, devemos ter o cuidado de perceber que há controvérsias sobre este fato, pois parece-nos que essa terminologia foi criada pelos ocidentais para nomear uma diversidade de práticas religiosas em uma só. No sistema filosófico, cultural e científico denominado Gaudiya Vaishnavismo, "Vaishnava" significa que a adoração é centralizada em Vishnu, e "Gaudiya" refere-se à área onde este ramo particular do Vaishnavismo se originou, em Gauda, região da Bengala, Índia.

O Gaudiya Vaishnavismo iniciou-se no século XV com a pregação do líder Caitanya Mahaprabhu e desde então foi transmitido em sistema de Parampara, sucessão de mestres que transmitem o conhecimento a seus discípulos de forma estrita e ininterrupta, considerada como uma "ciência divina":

Esta ciência suprema foi então recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na dessa maneira. Porém, com o passar do tempo, a sucessão foi interrompida, e portanto a ciência como ela é parece ter-se perdido.

(Bhagavad-gita. Cap.IV.Conhecimento transcendental,pág.208.v,2)

Conforme Valera o Vaishnavismo Gaudiya se desenvolveu no início do século XVI, na região da Bengala (Índia), com a difusão dos ensinamentos de Chaitanya, um jovem membro de uma família de brâmanes vaishnavas, que era casado e desempenhava o papel de professor (pandit). A partir de uma época de sua vida ainda jovem, em 1508, ao passar pelo rito da iniciação espiritual, no qual ele teria recebido de seu guru os mantras vaishnavas, Chaitanya teria sido tomado pelo êxtase místico e por um intenso humor devocional a Krishna, passando a enfatizar a prática do sankirtana (canto congregacional dos nomes de Krishna) como maneira mais eficaz de alcançar o amor supremo por Krishna.(CARVALHO,2017)

Sua base filosófica é muito vasta, e provém principalmente da Bhagavad-gita e do Bhagavata Purana, além de diversas escrituras do pensamento védico, como os Upanishads. Estas obras foram traduzidas para o inglês pelo Swami Prabhupada, líder da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna⁹ no ocidente. entre outros tradutores fidedignos e atualmente estão disponíveis em mais de setenta línguas, muitas delas estão disponíveis online, a exemplo, citamos a tese do pesquisador Lúcio Varela: A

⁹ A Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON), fundada em 1966 nos Estados Unidos pelo guru indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977), pode ser considerada como um dos n o v o s m o v i m e n t o s religiosos que foram inseridos no Ocidente no contexto das profundas modificações culturais, políticas, sociais e religiosas dos anos 1960 e 1970. (Leon A.G.Carvalho,2015)

mística devocional (bhakti) como experiência estética (rasa): um estudo do bhakti-rasāmṛta-sindhu de rūpa gosvāmī(2015), aonde o autor faz o seguinte apontamento:

A palavra veda significa conhecimento e o Veda é considerado, pela tradição hindu, como não tendo origem, nem autor (apauruṣeya), ou como uma revelação de Deus (Flood, 1996, p. 35). Pedra fundamental da civilização indiana é a personificação das regras ou leis que regem todo o universo (ṛta), eles são relatos do que foi 'visto' pelos ṛṣis ou, os mais bem-dotados poetas, videntes e profetas da civilização.(VALERA,2015,pág.13)

Para Gavin Flood, “o termo veda é utilizado em dois sentidos. Ele é sinônimo de ‘revelação’ (śruti), que foi ‘ouvido’ pelos sábios, e então pode denotar todo o corpo de textos revelados, mas é também utilizado com um sentido restrito para se referir às camadas mais antigas de literatura védica” (FLOOD, 1996, p. 36).

Há uma grande variedade de escrituras na Índia, de conhecimentos bastante específicos, dentre elas Srutis e Nigamas, como Valera, aponta da seguinte forma:

A razão dessa variedade se deve ao fato dos Vedas tratarem de uma gama extensa de conhecimentos, como o conhecimento sobre a ação ritual (karma), que permite ao indivíduo uma vivência melhor dentro do mundo material (karma-kāṇḍa); o conhecimento da reflexão filosófica, que permite a libertação da existência material (jñāna-kāṇḍa); e o conhecimento da meditação correta (upasana-kāṇḍa), que situa a pessoa em uma relação com a Divindade. (Cf.VALERA,Op.cit.pág.14)

Para Valera(2015) os Āgamas prescrevem a adoração exclusiva de uma deidade em particular, Viṣṇu, Śiva e Śakti, e por isso recebem a denominação de Āgamas vaiṣṇavas, śaivas e śāktas, respectivamente. Podemos então constatar que, com exceção do Smārtismo – que se baseia fundamentalmente nos Nigamas –, as principais religiões do Hinduísmo tradicional baseiam fundamentalmente as suas doutrinas e rituais nos seus respectivos Āgamas, sem, contudo, rejeitar as raízes e autoridade dos Vedas. esse é o caso das tradições do Vaiṣṇavismo, Śaivismo e Śāktismo. Como o Vaishavismo é nas palavras de Valera:

A palavra Vaiṣṇava indica um adorador de Viṣṇu ou de suas numerosas manifestações.²⁶ Viṣṇu é uma das principais deidades védicas e também é conhecido pelos nomes de Nārāyaṇa, Vāsudeva ou Puruṣottama. O Vaiṣṇavismo forma a maior de todas as denominações teístas do Hinduísmo, Essa definição é encontrada no Padma Purāṇa (Patala Khaṇḍa, 30.14.2): vaiṣṇavo viṣṇu sevaka, “quem serve a Viṣṇu é um vaiṣṇava”. (cf.VALERA.op.Cit.pág.16)

Os devotos(seguidores) de Krishna, são estritamente monoteístas: concebem a existência de um único Deus, Kṛṣṇa, o qual é provido de infinitos nomes e infinitas formas conforme suas infinitas qualidades. O nome principal de Deus é Kṛṣṇa ou Krishna que significa "O Todo-Atrativo" e que, portanto, engloba todas as demais qualidades. Krishna é

descrito como a expressão original e mais alta de Deus, “svayam bhagavan”, e em geral a literatura do deste movimento refere-se a ele como “a Suprema Personalidade de Deus”.

“És a personalidade de Deus original, o mais antigo, o satúrio definitivo deste mundo cósmico manifestado. És o conhecedor de tudo e és tudo o que é cognoscível. És o refúgio supremo, situado acima dos modos materiais. Ó forma ilimitada. Penetres toda esta manifestação cósmica” (Bhagavad-gita, Cap.11 A forma universal, v.38.pág.558)

O senhor Krsna, que segundo a tradição vaishnava esteve pessoalmente na Terra há cerca de 5000 anos, possui seis opulências principais: beleza, inteligência, força, fama, riqueza e renúncia. Tem o corpo eternamente jovial, com a “cor da nuvem fresca de chuva”, e gosta de tocar flauta e brincar em companhia de seus servos e servas em sua morada transcendental.

Eu sou a fonte de todos os mundos materiais e espirituais. Tudo emana de Mim. Os sábios que conhecem isto perfeitamente ocupam-se em Meu serviço devocional e adoram-Me de todo o coração. (Bhagavad-Gita. cap.10.8)

A base para essa confirmação apontada acima, está em conformidade com o comentário elaborado por Swami Praphupada na Bhagavad-gita, como se segue:

“No momento atual, já se passaram cinco mil anos de Kali-yuga, que dura 432.000 anos. Antes desta, houve a Dvapara-yuga(800.000 anos), e antes desta, houve a Treta-yuga(1.200.000 anos). Então, há aproximadamente 2.005.000 anos, Manu falou o Bhagavad-gita a seu discípulo e filho de Maharaja Iksvaku, o rei deste planeta Terra. [...] Aceitando-se que antes do nascimento de Manu a Gita foi falada pelo Senhor a seu discípulo Vivasvan, o deus do sol, pode-se fazer uma estimativa aproximada de que a Gita foi falada há pelos menos 120.400.000 anos, e na sociedade humana ele exista há dois milhões de anos. O Senhor voltou a falá-lo a Arjuna há cinco mil anos. Este é o cálculo aproximado da história da Gita, segundo o próprio Gita e conforme a versão de seu orador, o Senhor Sri Krsna. (PRAPHUPADA, Swami, Bhagavad-gita, como ele é, pág. 207).

Tratar de cronologia nos estudos sobre o Hinduísmo e suas tradições, ainda constitui um grande desafio, por que há muitos estudos conflitantes entre si, principalmente quando se trata de Indólogos versus praticantes de alguma linhagem religiosa-filosófica hindu.

Os primeiros historiadores da Índia, que buscaram estabelecer cronologias apropriadas ao conceito de história que se desenvolve no ocidente, foram justamente os orientalistas, que no séc.XIX, investigam o passado envolto em brumas. (MARTINS,2016)

Nas palavras de Feuerstein, encontramos um foco de tensão entre a “tradição” e os estudos acadêmicos sobre o tempo dos acontecimentos, ele comenta:

Mas é claro que Krishna, não nos fornece uma data específica para a nova era, e só podemos determinar essa data por meio de inferências, como, aliás, fizeram os autores dos Puranas quando estabeleceram o ano de 3102 a.C. Como data de início do atualmente Kali-yuga. A datação deles, no entanto, parece ser baseada em dados astronômicos questionáveis. (FEUERSTEIN ,2011,pág.16)

Nas palavras de Satsvarupa Goswami, o problema está relacionado a falta de relatos históricos da Índia,

Os empiristas colocam em geral grande importância em que se compreenda o desenvolvimento histórico, mas, para o período védico, não há história além dos sastras. Durante milhares de anos, os indianos não registraram os primórdios de sua história.[...] Segundo os indólogos modernos, a falta de interesse da Índia pela própria história não se deve a uma incapacidade primitiva de manter os registros, em vez disso, ela aceitou a versão dos Sastras como suficiente.(GOSVAMI, 1986.pág.15)

A potência de felicidade de Krishna se chama Radha, sua consorte eterna e que, quando ele esteve na Terra, atuou como sua amiga de infância e amante. Para os devotos(seguidores), Radha representa a contraparte divina do sexo feminino, a potência espiritual original, a mãe da devoção e a expressão máxima de amor divino.No livro Caitanya-caritamrta [Adi-lila 4.95-98]: O Senhor Krsna encanta o mundo, mas Sri Radha encanta até mesmo Krsna. Assim, Ela é a Deusa Suprema de tudo. Os dois não são diferentes, como evidenciam as escrituras reveladas. E, ao mesmo tempo, são unos, assim como o almíscar e sua essência são inseparáveis, ou como o fogo e seu calor não são diferentes. Enfim, Radha e Krsna são um, embora tenham aceitado duas formas para desfrutarem de um relacionamento.(SATYARAJA, [2012].p.1)

O foco de todas as atividades do movimento é a devoção ou serviço devocional (bhakti) e a prática de Yoga Bhakti de Radha e Krishna, idealizando que o devoto adquira amor puro e sincero por Deus (prema)sem esperar nada em troca, nem mesmo libertação ou salvação. Nas palavras de Satyaraja Dasa, temos:

“Do ponto de vista vaishnava, ou da consciência de Krsna, a energia feminina divina (shakti) implica uma fonte de energia divina (shaktiman). Assim, quando a deusa se manifesta nas várias tradições vaishnavas, ela sempre tem uma contraparte masculina. Sita se relaciona com Rama; Laksmi corresponde a Narayana; Radha com Krsna. Uma vez que Krsna é a origem de todas as manifestações de Deus, Sri Radha, Sua consorte, é a fonte de todas as shaktis, ou energias. Ela é, portanto, a Deusa original”. (Ibidem.p.1)

Esta abordagem da divindade masculina com sua contraparte feminina é de fato, muito distinta, do que percebemos, por exemplo, nos monoteísmo ocidentais, ainda de acordo com Satyaraja,

“O vaishnavismo pode ser visto como uma espécie de shaktismo, no qual a purna-shakti, a mais completa forma da energia feminina divina, é adorada como o aspecto mais proeminente da divindade, até mesmo eclipsando o Supremo masculino em alguns aspectos. No sri vaishnavismo, por exemplo, Laksmi (uma expansão primária de Sri Radha) é considerada a divina mediatriz, sem a qual o

acesso a Narayana não é possível. Em nossa tradição da consciência de Krsna, Radha é aceita como a Deusa Suprema porque Ela controla Krsna com Seu amor. Vida espiritual perfeita só é obtível por Sua graça”.(Cf.SATYARAJA.op.cit.)

Todas as regras e regulações de um seguidor Vaishava, está centrada nas escrituras, não devendo portanto, fazer nenhuma especulação, pois acredita-se que a “revelação” está contida nos Sastras, que é parte da própria divindade, não foi escrito por humanos. Observa-se algumas citações, tal como está na Bhagavad-gita(cap.12 Serviço Devocional):

8.Fixa tua mente em Mim, a Suprema Personalidade de Deus, e ocupa toda a tua inteligência em Mim. Assim, não haverá dúvida alguma de que viverás sempre em Mim.

9. Meu querido Arjuna, ó conquistador de riquezas, se você não pode fixar sua mente em Mim sem se desviar, então, segue os princípios reguladores que fazem parte da bhakti-yoga. Desenvolva deste modo um desejo de Me alcançar.

10. Se não podes praticar as regulações que fazem parte da bhakti-yoga, então, simplesmente tenta trabalhar para Mim. Porque, trabalhando para Mim, chegarás à fase perfeita.

Outra característica presente nas escrituras védicas é sobre a imortalidade da alma, e a reencarnação: No Bhagavad-Gita explica: “A entidade viva, Jiva-atman, aceitando assim outro corpo material, obtém certo tipo de olho, ouvido, língua, nariz e sentidos do tato, que se agrupam em volta da mente. Assim, ela desfruta de um conjunto particular de objetos dos sentidos”. Além de tudo, o caminho da reencarnação nem sempre eleva o indivíduo; o ser humano não tem garantia de um nascimento humano em sua próxima vida, encontramos aqui um contraponto, apontado pelos seguidores da Doutrina Espírita, que pretendemos analisar mais adiante. Os versos do capítulo 2 do Gita,Krishna,está falando para o guerreiro Arjuna no campo de Kurukshetra, a seguir confirma essa visão:

11.A Suprema Personalidade de Deus disse: Enquanto falas palavras sábias, estás lamentando aquilo com que não precisas te afligir. Os sábios não lamentam nem os vivos nem os mortos.

12. Nunca houve um tempo que Eu não existisse, nem tu, nem todos esses reis; e no futuro nenhum de nós deixará de existir.

13. Assim como, neste corpo, a alma corporificada seguidamente passa da infância à juventude e à velhice, do mesmo modo, chegando a morte, a alma passa para outro corpo. Uma pessoa ponderada não fica confusa com essa mudança.

16. Aqueles que são videntes da verdade concluíram que o não-existente (o corpo material) não permanece e o eterno (a alma) não muda. Isto eles concluíram estudando a natureza de ambos.

17. Deves saber que aquilo que penetra o corpo inteiro é indestrutível. Ninguém é capaz de destruir a alma imperecível.

2.1 VAISHNAVISMO GAUDHYIA NO BRASIL:

Entende-se como Hinduísmo uma gama de práticas religiosas dentro e fora do território indiano, muitas apontam sua origem e seus conceitos,

“Antes de abordar especialmente o Movimento Hare Krishna no Brasil, convém localizar esta religião no seu país de origem, a Índia. A ISKCON, ou Internacional Society for Krishna Consciousness, denominação oficial do Movimento Hare Krishna, é uma dentre as inúmeras vertentes religiosas do hinduísmo. O hinduísmo não pode ser considerado uma religião única, visto que apresenta peculiaridades conforme a localização e as pessoas que a praticam. O hinduísmo se confunde com o bramanismo, nome que advém de Brahman, manifestação impessoal do Ser Supremo, a essência do ideal e a alma do todo. Porém, Brahman é inatingível para os indianos, que procuram adorar a personificação de suas ramificações. Dentro da tradição védica surge uma infinidade de deuses e semi-deuses que são adorados por diferentes correntes. Todas elas conservam algumas características básicas do bramanismo, como por exemplo a questão da salvação. Cada entidade viva é um atman originário de Brahman, que um dia, após atingida a perfeição, deve retornar e se fundir novamente a ele. O atman deve vencer a tentação da matéria. Para isso são necessários muitas vidas. É no transcurso de repetição nascimento-morte, denominado de samsara, que as pessoas procuram chegar à perfeição e salvação através do exercício de rígidas disciplinas espirituais. O objetivo maior é atingir moksa, a libertação do ciclo de nascimentos e mortes do mundo material. A partir dessa regra básica, os caminhos encontrados pelas diferentes correntes são vários. (GUERRIERO, 2001, pág.44)

Ainda de acordo com Guerriero(2001) A história do Movimento Hare Krishna no Brasil evidencia-se por três momentos diferentes. O primeiro, de 1974 a 1977, caracterizava-se pela existência de grupos isolados que começaram a trazer dos Estados Unidos e da Europa os livros de Prabhupada. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, formaram-se pequenas comunidades. Não havia, ainda, templos com ¹⁰deidades instaladas. A presença desses grupos na sociedade mais ampla era muito tímida e, quando saíam para as ruas em pregações, não deixavam de causar espanto e certo distanciamento da sociedade mais ampla.

Após 1977, já sob a autoridade de Hridayananda, um devoto norte-americano que ficou responsável pela região da Flórida e América do Sul, a ISKCON do Brasil experimentou um forte avanço. Vários templos surgiram nas capitais e em outras grandes

¹⁰A palavra "deidade" significa o conjunto de forças e/ou intenções que se materializam nas/uma divindade(s). A deidade é a fonte de tudo aquilo que é divino. A deidade é característica e invariavelmente divina (criação); mas nem tudo o que é divino é deidade necessariamente; ainda que esteja coordenado com a deidade e tenha a tendência de "ser/estar", em alguma fase, em unidade com a deidade – espiritual, mental e/ou pessoalmente

idades. Foi um período de institucionalização e crescimento. Através de um marketing agressivo, os devotos se fizeram aparecer nos meios de comunicação. As pessoas se mostravam abertas para ouvir o que diziam aqueles exóticos rapazes de cabeças raspadas que abordavam os transeuntes. A pregação calcava-se na venda dos livros de Prabhupada, publicados pela editora brasileira ¹¹BBT do Brasil. O crescimento editorial possibilitou uma forte arrecadação de recursos que financiou tanto a manutenção dos templos como a compra de uma fazenda no interior de São Paulo, construindo ali uma grande comunidade rural, conhecida no meio como Fazendo Nova Gokula. Nesse período, os devotos e suas lideranças, tinham a expectativa de um crescimento quantitativo expressivo que pudesse causar uma mudança em toda a sociedade. Tratava-se de mostrar a todos uma saída para a vida vazia e sem sentido que as pessoas vivenciavam. Foi um momento de radicalização entre dois modos de vida: aqueles que atingiam a consciência de Krishna estariam salvos; os demais que não a aceitassem estariam condenados, ainda, a viverem repetidas encarnações nesse mundo material. O terceiro momento, é o da consolidação que acontece nos anos noventa. O movimento deixa de ser revolucionário e inovador, acomodando-se no interior de um campo mais amplo das demais denominações religiosas.

Em Carvalho(2017), há algumas percepções da expansão do movimento de sankirtana, indo agora, em direção ao Nordeste do Brasil,

Na década de 1970, em pleno processo de expansão, o movimento Hare Krishna chegou à Região Metropolitana do Recife que se constituía (e ainda se constitui) em um dos principais centros urbanos do país. Apesar de alguns praticantes do Hare Krishna terem chegado à região em 1973, para atividades missionárias de forma independente e espontânea (que não tiveram uma continuação sistemática), foi apenas no ano de 1978 que membros da ISKCON chegaram à cidade para abrir oficialmente seu primeiro templo. A relevância do espaço recifense para uma história das práticas Hare Krishna no Brasil é que foi a partir de Recife (dos recursos humanos ali dispostos) que outros templos e centros Hare Krishna foram abertos em outras capitais e cidades do Norte e Nordeste brasileiros, entre as décadas de 1970 e 1980.(CARVALHO, 2017, pág.19)

Ainda de acordo com Carvalho, o avanço da prática de Bhakti continua, a partir de então, com ISKCON passando a seguir por dois trilhos que garantiram sua rápida expansão na década de 1970: de um lado, os monges nas ruas distribuindo diariamente centenas de livros e revistas, fazendo circular as ideias e propostas de Prabhupada através dos livros; e do outro, uma entrada substancial de recursos que possibilitaram sua estruturação, expansão e solidificação. Esta prática do sankirtana foi tão importante na

¹¹Bhaktivedanta Book Trust (BBT) é a mais importante editora de livros sobre a ciência e a cultura da consciência de Krishna, ou bhakti-yoga. O fundador da BBT, A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada

história da ISKCON que precisamos analisá-la um pouco mais detalhadamente. (Cf.CARVALHO.op.cit.pág.73).

A História do movimento alcança várias cidades importantes do Nordeste,mesmo convivendo com dificuldades, tais como Recife, Salvador e Campina Grande(aqui merece uma análise pontual, devido sua importância na consolidação de um novo modelo de gestão dentro da ISKCON no Brasil,um monastério urbano), como destaca Carvalho(2017):

Todavia, apesar desses eventos que, aparentemente, impulsionaram positivamente o Movimento Hare Krishna, os anos 1990 se caracterizaram como ano de grandes dificuldades internas para a ISKCON. Muitos monges não conseguiram mais se manter apenas da venda de livros e os templos passaram a ter sérias dificuldades financeiras, fazendo com que muitos fechassem suas portas. Em Recife, as casas que serviram de templo, localizadas em bairros nobres da cidade, foram trocadas por casas mais modestas por falta de receitas que custeassem os altos preços dos aluguéis. Em Caruaru, após o ano de 1996, muitos monges, principalmente os casados, se mudaram da Fazenda Nova Vraja Dhama, em busca de atividades mais rentáveis e muitos abandonaram a vida monástica, se inserindo na sociedade secular.(Cf.CARVALHO,op.cit,pág.10)

Guerriero(2001), comenta que : o Brasil possui várias grandes religiões de cunho orientalista, mas todas elas, direta ou indiretamente, estão ligadas a grupos étnicos, principalmente japoneses e chineses. A ISKCON não possui esta vinculação com uma etnia. Entrou no país através de jovens ocidentais e através deles cresceu e se sedimentou. É hoje a mais sólida e estruturalmente organizada instituição religiosa oriental não vinculada a grupos étnicos no Brasil, sendo mais uma denominação a compor o quadro religioso desse final de século. Perdendo sua característica de seita e a necessidade de conversão, a ISKCON se tornou uma opção a mais para as escolhas religiosas individuais.

Dentre outros problemas, talvez o que Guerriero apontou, seja algo realmente observável, pois Carvalho(2017), faz um apontamento na mesma direção, ele diz: após as comemorações do centenário de Prabhupada, em 1996, tornou-se evidente a insustentabilidade da estrutura administrativa, financeira e social do Movimento Hare Krishna diante das novas demandas políticas, econômicas e sociais do mundo globalizado. O pesquisador Carvalho, continua sua fala apontando para problemas dentro do Movimento, assim ele conclue:

Diante de um quadro de franco declínio, a ISKCON ao mesmo tempo em que tentava ainda manter sem sucesso o modelo original – caracterizado por seus paradigmas tradicionais de atuação, fazia uma reavaliação de sua conjuntura, procurando soluções para manter a sua plausibilidade e existência no quadro geral

da oferta religiosa em disposição na sociedade como um todo.(Cf. CARVALHO,op.cit.pág.11).

Podemos apontar algumas características de acordo com a visão do monge Purushatraya Swami, brasileiro, residente no Rio de Janeiro, segundo ele, na primeira iniciação, o devoto faz votos de seguir certos princípios que irão nortear sua vida espiritual daí para frente. Uma observação quanto a isso é que esses princípios não devem ser considerados como meras “proibições.” Esses princípios estão diretamente relacionados com a prática da bhakti-yoga, e visam possibilitar a elevação da consciência individual até ao estado de “consciência de Krishna” ou consciência de Deus. é, portanto, uma prática de auto-realização e o devoto que aspira auto-aperfeiçoar-se assume esses votos baseado nas Sastras e no Guru. Esses princípios são observados para podermos adquirir qualidades elevadas tais como:

- Compaixão : Não comer carne, peixe e ovos.
- Austeridade: Não intoxicar-se.
- Pureza e limpeza: Sexo para procriação.
- Veracidade.: não praticar jogos de azar.

Os quatros princípios regulativos básicos são:

a) Não comer carne, peixe e ovos— quer dizer, estrito vegetarianismo. Este princípio baseia-se na misericórdia para com os demais seres vivos e no conceito de ahimsa, não violência. Não devemos cometer violência desnecessária. Uma grande carga de violência deste mundo pode ser evitada ao adotarmos uma dieta vegetariana, que, além do mais é muito mais saudável e natural.

b) Não intoxicar-se— princípio de austeridade. A pessoa que busca a auto-realização não deve usar substancias que provocam alteração no estado de consciência. Não deve fugir à realidade e deve, com paciência e determinação, trabalhar sua consciência no sentido de purificação e expansão.

c) Não praticar jogos de azar— princípio da veracidade. A expectativa de ganho fácil nos jogos provocam agitação na mente e abre espaço para o caráter dúbio.

d) Sexo destinado à procriação— princípio de limpeza. A função natural do sexo é a

procriação. O fato do sexo produzir prazer sensual não deve ser o sinal verde para explorá-lo irrestritamente.

Um outro voto que o adepto faz na iniciação é promover praticar o processo de meditação, através da japa-mala(rosário com 108 contas), diariamente. Essa meditação se faz por repetição em voz baixa do maha-mantra Hare Krishna. Durante essa atividade, manuseia-se o “rosário”, conta por conta, pelo menos 16 vezes, o que representa 1728 repetições do mantra. Essa prática deve ser feita bem cedo, antes do sol nascer, e dura aproximadamente hora e meia. (PURUSHATRAYA,2017)

Há muitas práticas diárias que o devoto deve desenvolver, segundo a tradição Vaisnava, chamada por Sadhana, ou seja, atividades que elevem o nível espiritual ao praticante. Observemos as seguintes, seguindo o “modelo” proposto por Srila Rupa Goswami listou 64 de tais princípios, 5 dos quais são considerados os mais importantes:

- Adorar a deidade, Ela é a representação, por meios de objetos “materiais”.
- Devotos devem ler diariamente os livros de Srila Prabhupada e de devotos autorizados na linha de sucessão discipular Gaudyia, por exemplo Bhagavad -Gita, Srimad Bhagavatam.
- Associação com os devotos do Senhor(Sadhu-sanga)
- Cantar o Santo Nome (Maha-mantra).Esta é a atividade mais importante na vida de um Vaisnava. Cantar japa é um processo essencial dado por todos os grandes Acharyas para a purificação do coração.
- Residir no Sagrado Dhama ou Templo.

As regras acima, foram estabelecidas nas Sastras e compõem um conjunto mínimo que regulam as condutas que se submetem os adeptos do Vaisnavismo no mundo inteiro, afim de desenvolverem ao máximo a Bhakti-yoga ou união pela devoção. Conforme estabelece :

“Humildade, modéstia, não-violência, tolerância, simplicidade, aproximar-se de um mestre espiritual autêntico, limpeza, firmeza, autocontrole; a percepção segundo a qual o nascimento, a morte, a velhice e a doença são condições desfavoráveis; desapego; estar livre de enredamento com filhos, esposa, lar e o resto; equanimidade diante de condições agradáveis e desagradáveis; devoção constante e imaculada a Mim; aspirar a viver num lugar solitário; afastar-se da massa geral de pessoas; aceitar a importância da auto-realização; e empreender uma busca filosófica da verdade absoluta – declaro que tudo isso é conhecimento, e algo diferente disto é ignorância.” B.GITA, 13. 8-12)

No trecho citado, Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, esclarece a importância de seguir as regras, ao mesmo tempo, aponta para o objetivo final dessas práticas, que é o aperfeiçoamento do Bhakta, cujo desejo maior é alcançar Prema, o Amor puro pela Divindade. Acrescenta-se :

Estando livres do apego, do medo e da ira, estando plenamente absorvidos em Mim e refugiando-se em Mim, muitas e muitas pessoas no passado purificaram-se através do conhecimento a Meu respeito — e com isso todas alcançaram amor transcendental por Mim. (B.GITA,4-10)

Aquele que age em serviço devocional, renunciando aos frutos de suas ações, e cujas dúvidas foram destruídas pelo conhecimento transcendental, está de fato situado no eu. Assim, ele não está atado às reações do trabalho, ó conquistador de riquezas. (B.G. 4-41)

Toda atividade realizada no plano material deve voltar-se para Krishna, A Suprema Personalidade de Deus, todo desfrute sensorial é egoísta, portanto, afasta o devoto de seu caminho em busca da auto-realização. Segundo o Vaisnavismo, não pertencendo a esse mundo material, o propósito da vida de cada indivíduo, deveria ser voltar de onde viemos, de volta para aquele lugar que é eterno, cheio de bem-aventurança e conhecimento.

3 . DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ESPÍRITA EM KARDEC:

Em meados do século XIX, ou seja, por volta de 1850, as mesas girantes chamam a atenção da sociedade parisiense. Nas reuniões sociais as pessoas passam a se distrair com objetos que se movem aparentemente sem que possa se ver quem os movia. A curiosidade humana estava sendo usada para chamar a atenção das pessoas para um mundo invisível que as circundava.

Rivail, pedagogo francês, fluente em diversos idiomas, autor de livros didáticos e adepto da investigação científica não aceitou de imediato os fenômenos das mesas girantes, mas estudou-os atentamente, observou que uma força inteligente as movia e investigou a natureza dessa força, que se identificou como os “Espíritos dos homens” que haviam morrido. Rivail fez centenas de perguntas aos Espíritos, analisou as respostas, comparou-as e codificou-as, tudo submetendo ao crivo da razão e por critérios racionais. Assim nasceu O Livro dos Espíritos. Rivail, nesse momento, assume pseudônimo de Allan Kardec. A Doutrina codificada por ele sistematizada, como se fala entre seus adeptos, tem tríplice aspecto, científico, religioso e filosófico.

Essa proposta de aliança da Ciência com a Religião está expressa em uma das no livro “A Gênese”(pág.29): “O espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará”.

Para Doyle(1960, p.33) É impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma força inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influenciando nas relações humanas. Os Espíritas tomaram oficialmente a data de 31 de março de 1848 como começo das coisas psíquicas, porque o movimento foi iniciado naquela data. Entretanto não há época na história do mundo em que não se encontrem traços de interferências preternaturais em seu tardio reconhecimento pela humanidade.

Sempre houve fenômenos mediúnicos, porém nesta ocasião eles ocorreram de forma sistemática e abrangente, mostrando ostensivamente a presença de espíritos desencarnados em nosso meio. Desta forma a atenção do professor Rivail, que viria a ser conhecido como Allan Kardec, voltou-se para o estudo sério destes eventos, identificando-os como produzidos por forças incorpóreas e inteligentes.

Interessado em divulgar seus conhecimentos, Kardec cria a “Revue Spirite” (Revista Espírita) e funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais. A via impressa e a fundação foram meios eficazes para que a nova crença religiosa se difundisse pela França, ganhando diversos adeptos. Uma parte significativa desses seguidores fazia parte das classes trabalhadoras.

Allan Kardec foi fortemente influenciado pelo cientificismo e o pensamento evolucionista, bem pertinentes ao século XIX, De fato, sua ação doutrinária estabelece no espírita uma relação na qual o homem pode e deve compreender, por meio da razão e do diálogo, os fenômenos que algumas outras religiões assumem de maneira mais sutil.

Contudo, observa-se, que:

No período compreendido entre os anos de 1857 e 1861, o Espiritismo pode ser descrito a partir de um duplo aspecto-filosófico. A consequência mais imediata da percepção desta característica do período em questão é que, muito embora o autor tenha declarado na conclusão de sua obra capital que a força do Espiritismo não se encontraria nas manifestações, mas...em sua filosofia, no apelo à razão, ao bom senso.(ARAÚJO.2016.pág.161)

Os livros espíritas geralmente relatam a experiência de algumas pessoas com o mundo dos espíritos, legitimando a importância do conhecimento deste outro mundo, assim está no Livro dos Médiuns:

A Ciência Espírita progrediu como todas as outras e mais rapidamente que as outras. Porque apenas alguns anos nos separam dos meios primitivos e incompletos que chamávamos, trivialmente, de mesas falantes e já podemos comunicar-nos com os Espíritos tão fáceis e rapidamente como os homens entre si. E isso pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. (L.M. 152)

Uma vertente da literatura espírita é voltada para a reprodução do conhecimento repassado por espíritos. Esta atividade é mais conhecida como psicografia e atrai a curiosidade de pessoas dentro e fora da religião espírita. Entre outros autores, os brasileiros Chico Xavier e Divaldo Franco, são destaques na produção deste tipo de literatura.

Mas, por um momento é preciso pensar a religião filosoficamente, como aponta Grondin

Sobretudo nos damos conta de que as interpretações funcionalistas resultam das interpretações essencialistas: dizer que ela é apenas isto ou aquilo é exprimir-se sobre sua essência, sobre o que ela é em seu fundo, que se pretende decifrar de uma vez por todas. Portanto, ninguém escapa de uma abordagem essencialista, de uma reflexão sobre o que constitui propriamente a religião, seja qual for sua incomensurável diversidade. (GRONDIN 2009)

Outra característica marcante do espiritismo envolve a realização dos ¹²passes em que um membro dotado de maior sensibilidade procura harmonizar o estado psíquico e emocional de outros praticantes. Este tipo de procedimento também possuiu outro desdobramento no qual alguns espíritas conseguem intervir sobre alguns males físicos por meio da cura espiritual. Além de empreender esse tipo de ação religiosa, o espiritismo também tem uma prática social arraigada entre seus membros.

No Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo encontra-se a seguinte conceituação de passes:

movimentos com as mãos, feitos pelos médiuns passistas, nos indivíduos com desequilíbrios psicossomáticos ou apenas desejosos de uma ação fluídica benéfica. (...) Os passes espíritas são uma imitação dos passes hipnomagnéticos, com a única diferença de contarem com a assistência, invocada e sabida, dos protetores espirituais." (PAULA, 1970,p.57)

¹²Passe é o nome que se dá, no Espiritismo à imposição de mãos. É uma prática amplamente difundida entre os espíritas. Segundo os adeptos, visa promover a doação de bioenergia de um indivíduo ao outro.

Segundo os princípios espíritas, o indivíduo deve praticar a caridade como uma forma de estabelecer a melhora de sua condição espiritual presente e de suas posteriores reencarnações. Este princípio se baseia na ideia de que a humanidade faz parte de um estágio de evolução espiritual.

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: "Amai-vos uns aos outros, como irmãos.(L.E 886)

Este princípio se sustenta na ideia de que o mundo material integra outra infinidade de mundos onde os espíritos habitam graus de evolução superior e inferior. Allan Kardec, no cap. VI de O Evangelho Segundo o Espiritismo,

Quando o Espírito deixou o corpo, ainda não está completamente desligado da matéria e pertence ao mundo em que viveu ou a um mundo do mesmo grau; a menos que, durante sua vida, se tenha elevado. Esse é o objetivo a que deve voltar-se, pois sem isso jamais se aperfeiçoaria. Ele pode, entretanto, ir a alguns mundos superiores, passando por eles como estrangeiro. Nada mais faz do que os entrever, e é isso que lhe dá o desejo de se melhorar para ser digno da felicidade que neles se desfruta e poder habitá-los. (L.E.223)

Esse princípio, digamos, evolucionista também fundamenta a explicação para o sofrimento humano, sendo este compreendido como resultado da intervenção de espíritos ou das ações ruins praticadas em outras reencarnações.

PRINCIPAIS ELEMENTOS DA DOUTRINA ESPÍRITA:

DEUS

"Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas." (Livro dos Espíritos, q. 01.)

Atributos:

"Eterno, imutável, único, onipotente, soberanamente justo e bom." (Livro dos Espíritos, questão 13.)

JESUS:

"Guia e modelo mais perfeito para o homem." (Livro dos Espíritos 625)

ESPÍRITO:

Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à

perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade." (Livro dos Espíritos-115)

PERISPÍRITO:

"Substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo."

(Livro dos Espíritos- 135, item 3o.)- "Tem a forma que o Espírito queira." (LE- 95)

EVOLUÇÃO:

"São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada." (Livro dos Espíritos - 114)

LIVRE-ARBÍTRIO

"O homem tem a liberdade de pensar e de agir. Sem o livre-arbítrio, ele seria máquina." (Livro dos Espíritos-843)

CAUSA E EFEITO:

"Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. A punição é o resultado da infração da lei." (Livro dos Espíritos-964)

AÇÃO DOS ESPÍRITOS NA NATUREZA:

"Deus não exerce ação direta sobre a matéria." (Livro dos Espíritos- 536-b)

"Os espíritos são uma das potencias da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução dos seus desígnios providenciais." (Livro dos Espíritos- 87)

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS:

"São habitados todos os globos que se movem no espaço e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição." (Livro dos Espíritos-55)

IMORTALIDADE DA ALMA:

- "A existência dos Espíritos não tem fim." É tudo o que podemos, por agora, dizer." (Livro dos Espíritos- 83)

VIDA FUTURA

"O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens." "A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte."
(Livro dos Espíritos- 959)

PLANO ESPIRITUAL

- "No instante da morte, a alma volta a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente."
(Livro dos Espíritos -149)
- "Os espíritos estão por toda parte. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados."
(Livro dos Espíritos- 87)

MEDIUNIDADE:

"Faculdade inerente ao homem. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influencia dos Espíritos é, por esse fato, médium." (Livro dos Mediuns- item 159 - cap XIV)

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS EM NOSSA VIDA:

- "Influem muito mais do que imaginais. A tal ponto que de ordinário são eles que vos dirigem."(Livro dos Espíritos- 459)

"Tendes muito deles de continuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes." (Livro dos Espíritos- 87)

REENCARNAÇÃO:

- "Consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas" (Livro dos Espíritos 171)
- "Para expiação e melhoramento progressivo da humanidade. Sem isto, onde a justiça?" (Livro dos Espíritos-167)

Pensemos, porém, que em meados do séc.XIX, o tema reencarnação era visto com uma certa desconfiança ou descrença mesmo, e nunca foi unânime, para Willian Howitt, temos:

“....se a reencarnação for uma verdade, lamentável e repelente como é, deve ter havido milhões de espíritos que, ao entrarem no mundo, em vão terão procurado os seus parentes, filhos, os amigos....Já teria chegado a nós esse sussurro de milhares, de dezenas de milhares de espíritos comunicantes? Nunca. Podemos, portanto, só nesse campo, considerar falso o dogma da reencarnação como o inferno do qual ele brotou”(DOYLE.op.cit)

Foi no Brasil, que a Doutrina Espírita encontrou um grande espaço de divulgação ocupando o posto de maior nação espírita do mundo. Diferindo-se das demais religiões que praticam este contato direto com os espíritos, o espiritismo é comumente chamado de “kardecismo”, estabelecendo apenas um elemento distintivo em relação a outras crenças como a umbanda, o candomblé, por exemplo. Abrindo portas para a doutrina cristã, o espiritismo tem um elo relativo com o texto bíblico e os evangelhos. Sem ocupar a posição fundamental da obra de Kardec, a Bíblia é utilizada como uma das várias referências de compreensão do mundo espiritual. Tendo, a vida de Jesus Cristo considerada um modelo de evolução espiritual também obtido na história de vida de outros indivíduos iluminados.

Combinando fé, razão e caridade, o espiritismo pautou uma nova experiência religiosa marcada pela experiência e a investigação. Conforme definido por Luiz Gonzaga de Souza(2006) “espiritismo é amor, é felicidade, é abnegação, é labuta pelo bem, é autoconsciência das verdades absolutas, é caridade e, é, sobretudo, igualdade, com fraternidade e liberdade entre os povos”.

Ainda de acordo com Gonzaga(2006) em sua obra Comportamento e moral, falamos que o Kardecismo surgiu de uma libertação de Rivail, que era um intelectual, responsável e pedagogo que não gostava de envolver-se com algo que fosse invenção

da mente enganadora, mas respeitar os pontos de vista da ciência que se comprova, devido claramente a sua coerência e lógica. O Kardecismo é o espiritismo que já adquiriu maturidade para mostrar ao povo que as verdades devem está na ordem do dia e todos têm que se conscientizar de sua tarefa como construtor do mundo para implantação do paraíso que todos almejam alcançar um dia, nas palavras do próprio Kardec:

Em lugar das palavras espiritual e espiritualismo, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras espírita e espiritismo, nas quais a forma lembra a origem e o sentido radical e que por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando para espiritualismo a sua significação própria. Diremos, portanto, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos .(Livro dos Espíritos.Introdução ao estudo da doutrina espírita.pág.12)

Para seus seguidores, Kardec, teve, condições de falar com os espíritos que se aproximaram dele, segundo a própria Doutrina, vieram “lembrar” a Rivail, a sua tarefa de educador de todos que precisam conhecer a verdade espiritual, num conclave de espíritos de luz, lembrando as mensagens baseadas no Cristianismo. O autor encontra sustentação para o que afirmou acima, na introdução do Livros dos Espíritos(pág.355, resposta 918 em caracteres do homem de bem),

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Se interrogar sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele. Enfim, se fez para os outros tudo o que queria que lhe fizessem.O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

O professor Rivail aparece, justamente na época do cientificismo positivista de Augusto Comte (1844), cuja verdade era tudo aquilo que seria provada e medida, sendo a filosofia criações mentais que ficavam apenas nas especulações de sonhadores que se deleitavam com as suas fantasias poéticas.

Kardec afirma que o espiritismo, sendo resultado da observação,é,pois, uma ciência: [...] a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível [...]. uma ciência que ocupará o seu lugar ao lado das ciências positivas, uma vez que [...] toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especutativa.¹³ Nota-se que, Kardec dedicou-se a mostrar que a “realidade” no planeta não estava somente na matéria, nem na “verdade” concreta, mas em algo da metafísica, cuja percepção humana não tem capacidade de aceitar ou compreender.

¹³ ARAÚJO. Idem.ibdem.pág.105

As espiritualidades modernas, mesmo que não excluam toda forma de culto, costumam ver de preferência na religião uma questão de convicção pessoal (na qual se pode ver um efeito do cristianismo e do acento que ele fez incidir na fé). Dependendo do engajamento, a religião se torna então uma questão cada vez mais, ou até exclusivamente, privada. (GRONDIN.op,cit.pág.35)

Tempo difícil dos cientistas acatarem razões espirituais e além do mais, aceitem os fatos somente pela lógica e coerência, que é próprio de sentimento, de sensibilidade e nunca provável com fatos que se possam pegar e medir na percepção da ciência humana e do pensamento positivista.

De acordo com Araújo(2016,pág.162) É necessário observar, segundo que Kardec, parecia usar o termo filosofia para referir-se à apresentação sistemática dos fundamentos doutrinários do Espiritismo, a partir dos quais se desdobrariam, a seu tempo, suas outras obras.

Nesta mesma direção, aponta Gonçalves(2010), comentando o seguinte,

O professor Rivail, sujeito fundador da doutrina Espírita, nasceu sob o signo da religião católica, mas foi educado em um país de protestante. Aos doze anos de idade, passou a morar em Yverdon na Suíça. Estudou no Instituto de Yverdon sob a direção do professor João Henrique Pestalozzi. Nesse ambiente, as circunstâncias o conduziram a conviver com alunos de múltiplas nacionalidades: americana, alemã, russa, italiana, espanhola e francesa. Essa situação levou-o, portanto, ao “compromisso obrigatório com a pluralidade de línguas, etnias, hábitos crenças e valores culturais”.

O espiritismo apareceu com Rivail, entretanto, o mediunismo sempre existiu e com muita frequência, tendo em vista que era uma forma de mostrar que a humanidade encarnada não era a única existente no planeta Terra e para muitos imperceptível.

Sem filosofar as questões da natureza, o mediunismo esteve sempre no dia a dia da humanidade, cuja história é bastante farta de exemplos e mais exemplos comprovando a existência espiritual em todos os momentos, quer se desse crença ou não. Os espíritos sempre estiveram presentes no meio vibratório em que os seres inteligentes têm as condições de iniciar o seu processo de raciocínio e de pensamento em busca da verdade que ele precisa conhecer, juntamente com a espiritualidade que precisa crescer também, junto com os encarnados.(GONZAGA 2006.)

No Livro dos Espíritos(pág.109.nº168) há a seguinte observação, a cada nova existência o Espírito dá um passo no caminho do progresso, quando está despojado de todas as suas impurezas, não há mais necessidade das provas da vida corpórea.

Como esta pesquisa pretende aproximar o Espiritismo aos conceitos do Vaishavismo, podemos citar a seguinte passagem da Bhagavad-Gita, que confirma tal afirmativa acima.

De fato nunca houve um tempo em que eu não fui, ou quando tu e esses príncipes não foram. Nem é verdade que, depois desta vida, iremos todos deixar de ser. Assim como infância, juventude e velhice são atributos dados à alma através de seu corpo, ainda assim, ela adquire um novo corpo. O sábio não se confunde sobre isso."(Cap. 2, 12-13)

O Espiritismo, segundo GONZAGA(Idem) tem a preocupação de que as pessoas busquem conhecer-se a si mesmo e aos demais, para que possam conhecer o real sentido da vida desbravando os caminhos que se têm que seguir ao longo da trajetória de descoberta da verdadeira senda da pureza e da paz. Com isto, os espíritos sempre ajudam a todos que querem conhecer essa verdade, no entanto, a pessoa tem que adquirir as vibrações salutares e necessárias para que as percepções se elasteçam, e o ser humano e espiritual possam conhecer, pelas diversas visões que eles têm. Para tanto, o pensamento do autor, encontra justificadas no Livro dos Espíritos, como se segue,

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Se interrogar sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele. Enfim, se fez para os outros tudo o que queria que lhe fizessem. O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça. Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou de crenças. (IV caracteres do bem, pág.355)

As casas espíritas, como os adeptos nomeiam seu lugar de “trabalho” espiritual, alguns consideram, como um hospital, trabalham sempre com objetivo de socorrer aqueles que as procuram, de conhecer o trabalho voluntário e desinteressado, e de investigação constante, na ajuda àqueles que desejam trilhar pelo caminho do amor, da paciência e da resignação. Nas palavras de Gonzaga,

Um Centro Espírita não constitui um ambiente de veneração aos espíritos sublimados, ou àqueles que são conhecidos nos trabalhos de meditação, ou famosos pelos seus trabalhos repassados através de psicografia. Um Centro Espírita não é um ambiente de preces venerativas em busca do Zen, ou Alfa; mas, um recanto de introspecção, para uma reflexão sobre os atos praticados no passado, objetivando não o exercitar no futuro. É um ambiente hospitalar, onde distante da atmosfera do baixo astral, os enviados da superioridade espiritual tentam a execução de alguns trabalhos de ajuda por mérito, ou para servir de exemplo, ou um pedido de alguém que tem condições espirituais de rogar por aquele que neste momento está necessitando, mesmo que seu coração não seja merecedor. (GONZAGA,2006,pág.50)

Outras características da Doutrina, nos é mostrada em Gonçalves: Dentre as verdades construídas sobre essa modalidade de produção discursiva, entendemos que a doutrina espírita coloca como objetivo geral da mediunidade de psicografia a função de provar, por meio dos textos psicografados, a existência, a imortalidade e a comunicabilidade do Espírito. A comunicação psicográfica assegura, assim, o contato dos Espíritos nos mais diversos modos de existência, esteja ele habitando a Terra ou os diferentes planos de moradia espiritual. Como função específica, a doutrina atribui a este processo discursivo as funções de, por meio dos textos psicográficos, consolar, confortar, informar e doutrinar os familiares dos Espíritos que continuam na existência terrena. (GONÇALVES,2010.pág.136,137)

4.Equivalências conceituais.Uma História conectada? Conceitos Hindus no pensamento Kardecista?

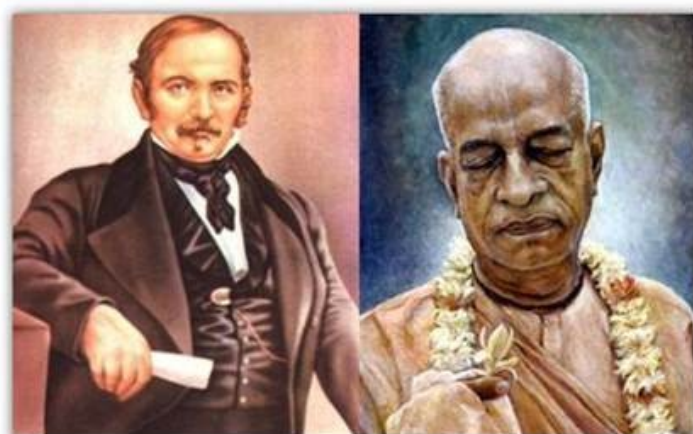


Figura 1 . Allan Kardec e A.C.Bhaktivendanta Prabhupada.

A partir daqui, nosso foco será, de fato, buscar as equivalências conceituais, e as possíveis conexões, entre o Vaishavismo e o Hinduísmo, para tanto, utilizaremos as obras Livros dos Espíritos(1860- 8ª edição 2004-2013, Brasil) e o Bhagavad-Gita(como ele é. edição brasileira de 1994 de Srila Praphupada e ainda O Bhagavad-Gita: uma nova tradução, do indólogo alemão Georg Feuerstein(2015-1ª edição brasileira).

Analisemos pois, alguns conceitos nas duas tradições:

AS CONCEPÇÕES DE DEUS:

No Hinduísmo há uma forte presença do politeísmo, nas Sastras(preceitos,regras) existem partes dedicadas a adoração à semideuses, para que o “devoto” possa alcançar

seus objetivos, sejam de ordem espiritual ou material, essa sessão chama-se KarmaKhanda, inclui diversos sacrifícios sujeitos à época e localidade. Além de preceitos, obrigações e deveres para os homens e mulheres, para os estudantes e para cada fase da vida do ser humano. Portanto, no Gita, há claramente, um rejeição dessa busca por satisfação material.

Os homens de pouco conhecimento estão muitíssimo apegados às palavras floridas dos Vedas, que recomendam várias atividades fruitivas àqueles que desejam elevar-se aos planetas celestiais, com o conseqüente bom nascimento, poder e assim por diante. Por estarem ávidos em satisfazer os sentidos e ter uma vida opulenta, eles dizem que isto é tudo o que importa. (B.G.Cap.2.42,43.)

No caso, na "Bhagavad Gita" há relatos sobre a adoração a vários deuses, mas, Krishna apresenta-se como a essência suprema que está acima de todos eles, Ele é a verdade absoluta.

"Na verdade, só tu Te conheces através de Tua potência interna, ó Pessoa Suprema, origem de tudo, Senhor de todos os seres, Deus dos deuses, Senhor do universo(Cap. 10, 15 A opulência do Absoluto)

Disse Arjuna: Meu querido Senhor Krsna, vejo reunidos em Teu corpo todos os semideuses e várias outras entidades vivas. Vejo Brahma sentado na flor de lótus, e vejo o Senhor Shiva e todos os sábios e as serpentes divinas(Cap.11.15 A Forma Universal.)

"Todas as hostes de semideuses estão se rendendo a Ti e entrando em Ti. Alguns deles, muito atemorizados, estão de mãos postas, oferecendo orações. Hostes de grandes sábios e seres perfeitos.(cap.11, 21 . A Forma Universal)

Aqui Sri Krishna Bhagavam se apresenta, como Deus único, observe: apresenta-se inicialmente como "sustentando a todos e como causa final de tudo que existe", contrariando a noção dos deuses, que seriam entidades secundárias a ele e por ele criadas.

Outra afirmação pertinente ao tema, encontra-se em Moura(2017.p.34)No Bhagavata Puraṇa, Krishna, o filho de Vasudeva, é identificado como Bhagavam svayam, o Senhor adorável em pessoa.. Essa declaração é feita logo após o texto listar mais de vinte avatares e colocar Krishna claramente em uma categoria à parte como a fonte última de todas as manifestações divinas. Consistentemente, narrativas sobre Krishna ocupam cerca de um quarto da obra.

A mesma pessoa Suprema, sustenta em si próprio, a multiplicidade de formas divinas e ao mesmo tempo, possui uma forma absoluta, na qual tudo repousa.

A ordem cósmica inteira está sujeita a Mim. Sob Minha vontade, ela manifesta-se automaticamente repetidas vezes, e sob Minha vontade, no final ela é aniquilada. (O conhecimento mais confidencial.Cap.9,8)

Na Doutrina Espírita há claramente a noção de Deus, percebam:

Deus é eterno,imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

Criou o universo que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.(Introdução dos Livros dos Espíritos.pág.21)

Notamos, até aqui uma explicação semelhante ao pensamento monoteísta, a existência de um único Deus. Trata-se de demonstrar suas qualidades e não sua origem.. Observe, a explicação do livro Evangelho segundo o Espiritismo:

6. A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento está no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado não por um homem, e sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com a cooperação de uma multidão infinita de intermediários. De certa maneira, é um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de seus entendimentos aos homens, para lhes tornar esse mundo conhecido e a sorte que os espera. (1864. Edição brasileira,pág.31)

Nas tradicionais escolas Vaisnavas, há a aceitação de Krishna como sendo a Suprema Forma de Deus, uma forma Pessoal e infinita.

O Senhor Krishna é mencionado em todas as páginas do Bhagavad-gita como Bhagavan. A palavra Bhagavan denota uma grande pessoa ou semideus, mas todas as autoridades do conhecimento confirmam que Krishna é a Suprema Pessoa. O próprio Senhor afirma isso no Bhagavad-gita e ele é aceito como tal no Brahma-samhita e em todos os Puranas, especialmente o Srimad-Bhagavatam. (DASA, 2015.pág.1)

Acima, declara-se que Sri Krishna é a Suprema Personalidade de Deus, não uma encarnação de outra divindade ou atributo separado, Ele é a Verdade Absoluta que assume forma humana.

SOBRE A EXISTÊNCIA DA ALMA, SUA ORIGEM E REENCARNAÇÃO:

Em relação a alma no pensamento religioso hinduísta, o estudioso Lúcio Valera, diz:

Não é possível entender os conceitos da morte e o renascimento do Hinduísmo, sem saber a diferença entre a alma (atma) permanente e o corpo material temporário. A Bhagavad-gita explica a natureza da alma com a seguinte analogia: “Assim como o Sol ilumina sozinho todo esse Universo, do mesmo modo, a entidade viva, sozinha dentro do corpo, ilumina o corpo inteiro através da consciência” (Bhagavad-gita XIII. 34). A consciência evidencia concretamente a presença da alma dentro do corpo. Num dia nublado o Sol pode não estar visível,

mas sabemos que ele está lá no céu, através da presença da luz solar. Analogamente, podemos não ser capazes de perceber diretamente a alma, mas podemos concluir que ela existe pela presença da consciência. Na ausência da consciência, o corpo é simplesmente um monte de matéria morta. Somente a presença da consciência faz com que esse monte de matéria morta possa respirar, falar, amar e temer (VALERA, 2012, p.3).

No capítulo 2 - Resumo do conteúdo do Gita, encontramos diversos versos sobre a imortalidade da Alma:

De fato nunca houve um tempo em que eu não fui, ou quando tu e esses príncipes não foram. Nem é verdade que, depois desta vida, iremos todos deixar de ser. Assim como infância, juventude e velhice são atributos dados à alma através de seu corpo, ainda assim, ela adquire um novo corpo. O sábio não se confunde sobre isso." (Cap. 2, 12-13)

Nem aquele que pensa que a entidade viva é o matador nem aquele que pensa que ela é morta estão em conhecimento, pois o eu nem mata nem é morto. (Cap 2, 19)

Está claro que Krishna estabelece aqui a existência da alma(Jiva-atman) como independente do corpo e sobrevivente a ele. Entretanto, isso só pode acontecer se a alma (Jiva-atman) for algo diferente da matéria, sendo, parte da divindade. Portanto, a morte, como fim absoluto da Jiva-atman não existe. Para o corpo material e para a entidade via está escrito:

O corpo material da entidade vida indestrutível, imensurável e eterna, decerto chegará ao fim; portanto, luta, Ó descendente de Bharata. (cap.2,18)

Deves saber que aquilo que penetra o corpo inteiro é indestrutível. Ninguém é capaz de destruir a alma imperecível.(cap.2,17)

Qual é a origem do espírito ou da alma? a origem da alma é desconhecida, quer dizer, sua origem ainda deve ser investigada, mas não se confunde com Deus pelo princípio:

Questão 78: Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade?

Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo pelo qual nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.(L.E 78)

Para o Bhagavad Gita, ela é incriada:

Este (Si Mesmo) não nasceu nem jamais morerá; não tendo-vindo-a-ser,tampouco diexará-de-ser novamente. Este (si mesmo) não nascido, eterno, perene,

primordial, não morre quando morre o corpo. (Yoga do Conhecimento Gita.Cap 2, 20. FEUERSTEIN)

Armas não podem cortar nem queimar a alma, a água não pode molhá-la nem pode ser seca. Essa alma não pode ser cortada, queimada pelo fogo, nem dissolvida pela água ou seca pelo ar também; ela é eterna, a tudo permeia, é imóvel, constante e perene. A alma é imanifesta, incompreensível e sobre ela se diz ser imutável. Portanto, sabendo que é assim, não te aflijas.(Cap. 2, 23-25. PRAPHUPADA)

Nota-se que a mensagem da Bhagavad-gita tem o mesmo sentido, seja utilizando a “tradução” da tradição ou na versão de Feuerstein a “alma” é tido como não nascida, não pode morrer, é portanto, eterna.

Na Gênese de Allan Kardec, está escrito assim,

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável (Gênese 552, parte 29)

Há claramente, uma distinção entre o corpo material e o espírito, sendo necessário fazer esta distinção para estabelecer o uso adequado, tanto do veículo material, quanto do ser eterno, que deverá continuar a existir e evoluir no plano material.

A “crença” na continuidade da vida do espírito é muito comum entre os Espíritas, a esse respeito:

Oriunda da Índia, espalhou-se pelo mundo. Muito antes de terem aparecido os grandes reveladores dos tempos históricos, era formulada nos Vedas e notadamente no “Bhagavad-Gita”. O Brahmanismo e o Budismo nela se inspiraram e, hoje ainda, seiscentos milhões de asiáticos¹⁴ – o dobro do que representam todas as agremiações cristãs reunidas – creem na pluralidade das existências.(DENIS. 2013 p.202)

Na Gita, verso 18 do cap.2, comenta que O corpo material da entidade viva indestrutível, imensurável e eterna decerto chegará ao fim; portanto, lute, ó descendente de Bharata. O diálogo entre Sri Krishna e o Ksatryia Arjuna, estabelece parte de um processo que pode levar a alma a entender sua limitação, e ao mesmo tempo como uma tentativa de entendimento de sua natureza e seu

¹⁴ Dados da época do lançamento da obra em 1922.

retorno à Divindade. Ainda no Gita, em Yoga do conhecimento, as instruções sobre o “ser” que não morre, segue:

Alguns consideram a alma como surpreendente, outros descrevem-na como surpreendente, e alguns ouvem dizer que ela é surpreendente, enquanto outros, mesmo após ouvir sobre ela, não podem absolutamente compreendê-la. (B.GITA. 2.29)

Para tanto, Jiva-atman deve ter alguma semelhança com o Divino Ser Absoluto, Bhagavam. . A questão da identificação da natureza da atman com a Divindade tem, um entrave, digamos assim: Deus permanece, não afetado pelas (más) ações daqueles que participam de sua natureza?

Fique sabendo que todos os estados de existência — sejam eles em bondade, paixão ou ignorância — manifestam-se por Minha energia. Num certo sentido, Eu sou tudo, mas Eu sou independente. Eu não estou sob a influência dos modos da natureza material, mas eles, ao contrário, estão dentro de Mim. (B.G.7.12)

Mesmo praticando atividades consideradas humanas, Sri Krishna, expõe para o guerreiro Arjuna, que para Ele não pode haver nenhuma contaminação, pois as Gunas, não tem influencia sobre sua existência. Entenda-se a palavra Karma, como ação:

O Gita, descreve a relação de Deus com as ações humanas:

Tampouco o Senhor Supremo assume as atividades pecaminosas ou piedosas de alguém. No entanto, os seres encarnados ficam confusos devido à ignorância que encobre seu verdadeiro conhecimento. (Karma-yoga- Ação em consciência de Krsna.Cap. 5, 15)

O princípio das vidas sucessivas está anunciado em vários versos e é quase que uma consequência da independência da alma da matéria:

Assim como um homem se livra de vestes estragadas para vestir outras novas, assim também a alma corporificada livra-se de corpos velhos para entrar em outros novos.(Resumo do conteúdo do Gita.Cap. 2-22)

Pois, assim como a morte é certa para o nascido, o renascimento é inevitável para o que morre. Não debes pois te afligires pelo inevitável.Arjuna, antes do nascimento, os seres não se manifestam aos sentidos humanos; na morte, eles retornam ao imanifesto novamente. Eles se manifestam apenas no intervalo entre um nascimento e a morte. Por que, então, te lamentares?(Cap. 2, 27-28)

Poderíamos até traduzir "alma corporificada" por "espírito encarnado" no primeiro verso acima. Como se fala na “escala” ou como almas condicionadas, existe aberta a possibilidade de manifestação da alma após a morte? Certamente que fora desses sentidos, através dos "videntes" (Rishis), que são considerados os verdadeiros autores

dos Vedas. Possivelmente, não, devido à proibição contida nas próprias Sastras, assim aconselha:

Os homens no modo da bondade adoram os semideuses; aqueles que estão no modo da paixão adoram os demônios; e aqueles que vivem no modo da ignorância adoram fantasmas e espíritos. (B.G.17.14)

Ó filho de Bharata, fique sabendo que no modo da escuridão, nascido da ignorância, todas as entidades vivas encarnadas ficam iludidas. Os resultados deste modo são a loucura, a indolência e o sono, que atam a alma condicionada. (B.G.14.8)

Atingir Moksha, ou seja, a liberação é um dos propósitos das Escrituras Védicas. Então, indaga-se, o que pode acontecer com os que morrem e não atingem a libertação?

Entre milhares de seres humanos, (quase) nenhum se empenha pela perfeição. Mesmo entre os adeptos que se empenham, (quase) nenhum Me conhece verdadeiramente (B.G.7, 3 FEUERSTEIN)

Portanto, Arjuna questiona A Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna, sobre o que acontece aos que não atingem plenamente a libertação do ciclo de nascimentos, mas que mantem certa ligação com o Divino:

Mas aqueles que sempre me adoram com devoção exclusiva, meditando em Minha forma transcendental- a eles Eu trago o que lhes falta e preservo o que têm (B.G 9, 20)

Após desfrutarem desse imenso prazer celestial dos sentidos e tendo se esgotado os resultados de suas atividades piedosas, eles regressam a este planeta mortal. Logo, aqueles que buscam o prazer dos sentidos sujeitando-se aos princípios dos três Vedas conseguem apenas repetidos nascimentos e mortes. (B.G 9, 21)

De acordo com Xavier (2017), Diferentemente da ideia espírita moderna de progressão contínua por meio de repetidos nascimentos e mortes, a crença do "Bhagavad Gita" vê o ciclo de reencarnações como um martírio, um ciclo interminável de repetição de nascimentos e mortes, iludidos pelo mundo sensível, não se devotaram a Sri Krishna.

Aqueles que se dedicam aos deuses, vão ter com os deuses; aqueles que se aproximam dos manes, alcançam os manes; aqueles que adoram espíritos, vão ter com os espíritos e aquele que adora a mim, vem a mim apenas. Essa é a razão porque meu devoto não mais estará sujeito ao ciclo de nascimentos e mortes. (Cap. 9, 25)

Esse processo que foi até agora descrito é indicado para aqueles que cumprem as regras e regulações presentes nas Sastras e que tem como objetivo final, o desenvolvimento da devoção, ou do amor puro pela Divindade.

Na visão de Moura(2017,p.44) afirma que deve-se também levar em conta outra dimensão de Bhakti que é a atitude de serviço, a participação ativa em um processo que visa despertar essa fé e amor, bem como invocar a graça de Deus. Assim, Bhakti inclui primeiramente uma dimensão envolvendo ocupação prática (Sadhana-bhakti) que então conduz à meta desejada(prema-bhakti).

Enquanto que, no Espiritismo a alma não pode involuir, digamos, descer para níveis inferiores de formas de vida e consciência, portanto, a ideia da reencarnação liga-se ao progresso contínuo, porém, o espírito possa parar no caminho de sua jornada.

A reencarnação é o instrumento que o Criador nos concede para atingirmos a meta da nossa evolução, do nosso progresso individual e do mundo em que vivemos. Não se deve, contudo, confundi-la com a metempsicose, porque a reencarnação da criatura humana só se dá na espécie humana, enquanto a doutrina da metempsicose, que o Espiritismo não aceita em nenhuma hipótese, admite a retrogradação, ou seja, a encarnação da alma humana em corpos de animais e vice-versa.(L.E.222)

A passagem do Livro dos Espíritos acima, deixa bastante claro e com forte convicção que já não é possível, uma “descida” aos reinos inferiores, para quem atingiu o nível de existência humana. A vida humana é o veículo material ou corpo, é visto como um meio para continuar avançando continuamente, vida após vida.

Entretanto, de acordo com Loka-sakshi[2014], no o hinduísmo, o caminho da reencarnação nem sempre leva para o alto; o ser humano não tem garantia de um nascimento humano em sua próxima vida. Por exemplo, se alguém morre com mentalidade de um cachorro, então, em sua próxima vida, receberá os olhos, ouvidos, nariz etc. de um cachorro, para que ele desfrute de prazeres caninos. Krishna confirma tal destino dizendo “Quando morre no modo da ignorância, nasce em corpo irracional, como de um animal”. (B.G.14.15)

LIBERTAÇÃO OU FIM DO SOFRIMENTO:

Entretanto, esse processo Moksha (libertação) não é facilmente alcançável, portanto, está disponível aos aspirantes. Assim, há um texto específico que estabelecendo o princípio da Yoga (que se apresenta como um caminho ou processo de "purificação" pelos discípulos, que são os yoguis) conduzindo à libertação da alma e sua volta para o lar espiritual.

Mas aqueles que Me adoram, dedicando todas as suas atividades a Mim e não se afastando de sua devoção a Mim, ocupando-se no serviço devocional e sempre meditando em Mim, tendo fixado suas mentes em Mim, ó filho de Prthā — para eles Eu sou o pronto salvador do oceano de nascimentos e mortes.(B.G.12.6-7)

Pode-se falar que para a ideia da “salvação”, existe um paralelo nos textos da tradição Védica, orientais, que é conhecida por “libertação”(Moksha) do Samsara. Compreendia a possibilidade de vidas sucessivas, seria essa libertação a atual busca do homem conhecedor de sua vida espiritual?

A tradição gnóstica do hinduísmo, o jnana-marga (caminho do conhecimento), representada principalmente pela escola s moksha, termo sânscrito que indica a libertação do ciclo infinito de nascimentos e mortes. O que acontece com a pessoa quando ela obtém moksha? Nessa tradição, acredita-se que, com moksha, o atma individual funde-se no Brahman universal. Utiliza-se a imagem da gota d'água que cai no oceano e perde sua individualidade. A gota torna-se igual ao oceano. Apesar de ser muito utilizada, essa metáfora não expressa bem o sentido de fundir-se. Em vez da perda da individualidade, a compreensão das Upanishads é a de que o atma nunca existe separado do Brahman. Portanto, o sentido de separação é que é ilusório, e moksha é o despertar desse sonho de separação. (LOKA-SAKSHI.2015)

Observa-se em alguns versos que, Sri Krishna estabelece uma dicotomia entre o conhecimento e a ação, que guarda também outro paralelo na tradição Espírita, entre a "fé" e as "obras" :

O Homem não adquire liberdade de agir (culminação da disciplina da ação) deixando de se engajar na ação; nem atinge ele a perfeição (culminação da disciplina do conhecimento) meramente por deixar de agir. Certamente, ninguém pode permanecer inativo mesmo por alguns instantes; pois, todos são levados agir pelos modos de Prakrti (qualidades adquiridas pelo nascimento). (Cap.Karma yoga 3, 4)

O homem só se torna limitado por suas ações quando ele não age com sacrifício. Portanto, Arjuna, vá e cumpra eficientemente o teu dever designado, livre de apego, por sacrifício apenas. (Cap.Karma yoga 3, 9)

Assim como os ignorantes executam seus deveres com apego aos resultados, os eruditos também podem agir, mas sem apego, com o propósito de conduzir as pessoas para o caminho correto.(Cap. Karma yoga.3,25)

Tendo recebido verdadeiro conhecimento de uma alma auto-realizada, jamais voltarás a cair nessa ilusão, pois, com este conhecimento, verás que todos os seres vivos são apenas partes do Supremo, ou , em outras palavras, que eles são Meus.(Cap.O conhecimento transcendental 4, 35)

A ação mediante conhecimento(Jnana). O que consistiria o ato de sacrifício para aquele que sabe dessas verdades?

Os versos do capítulo cinco da B.GITA, intitulado de Karma-Yoga , ação em Consciência de Krishna apontam uma solução,

Arjuna disse: Ó Kṛṣṇa, primeiro Você me pede que renuncie ao trabalho, e aí passa a recomendar o trabalho com devoção. Você poderia agora, por favor, me dizer definitivamente qual dos dois é mais benéfico?(Cap..5.1)

A Personalidade de Deus respondeu: A renúncia ao trabalho e o trabalho com devoção são bons para obter a liberação. No entanto, entre os dois, o trabalho em serviço devocional é melhor do que a renúncia ao trabalho.(Cap.5.2)

Aquele que não odeia e nem deseja os frutos de suas atividades, é conhecido como quem está sempre renunciado. Tal pessoa, livre de todas as dualidades, supera facilmente o cativeiro material e está inteiramente liberada, ó Arjuna de braços poderosos. (Cap.5.3)

A condição humana do devoto não consiste numa aparência largada ou desolada, ou mesmo em tentar repelir os prazeres que a condição corpórea permite. Bastando fazer tudo como sacrificar ao Senhor Supremo, Sir Krishna, o sustentáculo de todas as coisas:

as aqueles que Me adoram, dedicando todas as suas atividades a Mim e não se afastando de sua devoção a Mim, ocupando-se no serviço devocional e sempre meditando em Mim, tendo fixado suas mentes em Mim, ó filho de Prthā — para eles Eu sou o pronto salvador do oceano de nascimentos e mortes.(B.G.12.6-7)

Para começar ou acabar uma tarefa, que eleveis o pensamento para Bhagavam Sri Krishna, suplicando-lhe, por sua proteção ou por sua benção para executá-la. Ao fazer qualquer coisa, voltai vosso pensamento à fonte Suprema; nada façais sem que a lembrança de Deus venha purificar e vossa consciência e agir sempre no sentido de iluminar-se pelo serviço, por fim chegar até Absoluto.

Aquele que executa seu dever sem apego, entregando os resultados ao Senhor Supremo, não é afetado pela ação pecaminosa, assim como a folha de lótus não é tocada pela água. (B.G.5.10)

Continua o diálogo no campo de Kuruksetra, Portanto recorda-te de Mim a todo momento e luta! Com a mente e a faculdade da sabedoria fixadas em Mim, sem dúvida virás a Mim.(B.G.F. Cap.7.8-7) ou ainda, segundo o Bhagavad Gita de Srila Praphupada,

Arjuna, o que quer que fizeres, comeres ou concederes como oblação ao fogo sagrado, o que quer que ofertares como presente, ou meio de

penitência, oferece-os todos a mim. (B.G.Cap. O Conhecimento mais confidencial.v. 27)

Aquele que age oferecendo todas as ações a Deus e libertando-se do apego, permanece intocado pelo pecado, tal como a folha de Lótus pela água. (Cap. 5, 10)

Entenda-se aqui, Krishna como a Suprema Personalidade de Deus, o Criador de todas as coisas. Viver e oferecer tudo para Ele em sacrifício, é a condição inevitável, para retornar para Ele, essa é a finalidade da vida humana.

Entre ação e conhecimento, qual dos dois caminhos seria melhor para se atingir a libertação do sofrimento?

A Yoga do conhecimento (Sankhyayoga) e a Yoga da ação (Karmayoga) ambas levam a suprema felicidade. Das duas, entretanto, a Yoga da ação, sendo mais fácil, é superior à Yoga do conhecimento.(Cap. Karmayoga-5, 2)

Aquele que está jungido no Yoga, que purificou a si mesmo, que sujeitou a si mesmo, que subjugou os sentidos e cujo simesmo se tornou o Si Mesmo de todos os seres – embora aja, não é maculado.(B.G. FEUERSTEIN. 5.7)

A Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna, condena o materialismo, suas práticas,

Arjuna, aqueles que estão cheios de desejos mundanos e se voltam para os textos dos Vedas, que olham para o céu como seu supremo objetivo e argumentam que nada há além do céu, esses não são sábios. Proferem palavras cheias de ornamentos(karma-khanda) e recomendam rituais de vários tipos para conseguirem prazer e poder no renascimento com seus frutos. Aqueles cujas mentes são levadas por tais palavras e que estão profundamente agarrados a prazeres e poderes mundanos, não podem atingir intelecto concentrado em Deus.(Cap. 2, 42-44)

Portanto, observamos que alguns princípios dos Espíritas, que mencionam a anulação ou perdão dos pecados parecem ter sido influenciados de alguma forma pela ideia da aceitação, fusão, união com a Divindade, presente nas escritas do Gita:

Aquele que me conhece em realidade como sem nascimento e sem começo, como o supremo Senhor do Universo, ele, sem ilusão entre os homens, é expurgado de todos os pecados.(Cap. A opulência do absoluto. 10, 3)

Com relação ao fim do sofrimento, entendido, como o Samsara, o Gita, nos fala:

Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Eu te libertarei de todas as reações pecaminosas. Não temas.(Cap. A perfeição da Renúncia.18,66)

Mesmo o pior dos pecadores que se decidiu por me adorar com devoção exclusiva, ele será considerado um santo, pois ele escolheu corretamente. (Cap. O conhecimento mais confidencial.9, 30)

Nas palavras de Goswami, há outra confirmação:

Como finalidade principal, a literatura védica transmite conhecimento sobre auto-realização e, portanto, sobre como libera-se (moksha) do sofrimento. Em geral os estudiosos concordam em que a meta do pensamento indiano é atingir a verdade, cujo reconhecimento leva à liberdade. (GOSWAMI, 1994.p.2)

A imagem abaixo é uma representação do ciclo de nascimentos e mortes, conhecido no hinduísmo como , Samsara:



Figura 2 . Samsara. Fonte:BBT.1994

A saída final para o sofrimento e o refúgio aos pés da Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna, como está afirmado na Gita:

Ouve de novo a Minha palavra suprema, de todas a mais secreta. Asseguro-te assim que és amado por Mim. Portanto, dir-te-ei onde está o teu bem. (B.G FEUERSTEIN.18.64)

Abandonando todos os Dharmas, busca abrigo unicamente em Mim. Libertar-te-ei de todos os pecados. Não te entristeças!(Ibidem 18.66)

Aquele que instilar em Meus devotos esse supremo segredo, demonstrando a mais elevada devoção por Mim, virá a Mim indubitavelmente.(Ibidem 18.68.

Onde quer que estejas Krishna, o Senhor do Yoga, e onde quer que esteja Arjuna, o filho de Pritha, o portador do arco, ali estarão a fortuna, a vitória, o bem e a firme orientação. E esta a minha convicção.(Ibidem.18.78)

Depois de descrever todas as possíveis formas de se mover no mundo material, Ele afirma que a única alternativa que não fará nenhum ser vivo voltar a

nascer é fazer de sua vida uma plena rendição a Suprema Pessoa, finalizando definitivamente o Samsara. Aqui encerra o diálogo entre Sri Krishna e seu guerreiro Arjuna.

No Livro dos Espíritos(questão 225) lemos o seguinte sobre o sofrimento:

Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?

Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.

Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros.”(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap.V, item 7)

Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura. (Evangelho segundo o Espiritismo. (Cap.5.pag.121)

O sofrimento é entendido como erros morais que trazem dor para o praticante, enquanto que na Gita, o sofrimento, aparece depois que a Jiva-atman, abandona a devoção para viver segundo critérios de desfrute sensorial.

Encontramos uma passagem na qual demonstra profunda semelhança com os ensinamentos presentes no diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, como se segue:

Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade, enquanto não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há pestosos, aos quais se veda o acesso à cidade a que aportem, até que se hajam expurgado. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. (Evangelho segundo o Espiritismo. 10. pag.126)

Nas palavras de Léon Denis, temos o seguinte:

O conhecimento cada vez mais perfeito do Universo, a assimilação cada vez mais completa de seus atributos — Beleza, Verdade, Amor! E, ao mesmo tempo, uma libertação gradual das escravidões da matéria, uma colaboração crescente na obra de Deus (DENIS,2013.p.120)

Sem a presença da rendição ao Supremo, do amor, seguido da preocupação, da purificação do coração e a plena busca pela felicidade espiritual, não é possível chegar a entrar nos reinos superiores.

KARMA ou CARMA, uma justiça infalível:

A palavra Karma, do Sânscrito, refere-se unicamente a “ação”, não sendo possível afirmar que há um carma negativo ou carma positivo, o resultado dos atos, serão um resultado das atividades do indivíduo. Na B.Gita(3.3) está escrito: Só por nos abstermos da ação não significa que estamos livres da reação, nem somente pela prática da renúncia pode-se atingir a perfeição.

Para não perturbar a mente dos homens ignorantes apegados aos resultados frutivos dos deveres prescritos, o sábio não deve induzi-los a parar de trabalhar. Ao contrário, trabalhando com espírito de devoção, ele deve ocupá-los em todas as espécies de atividades para que pouco a pouco desenvolvam a consciência de Kṛṣṇa. (Ibidem.3.26)

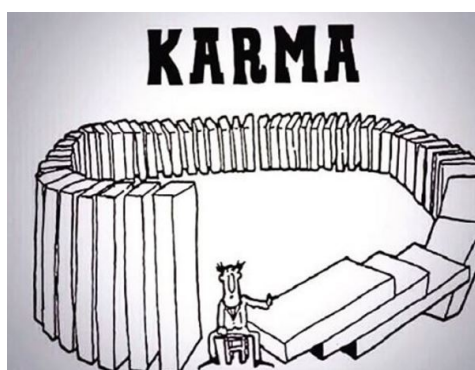


Figura 3 e 4 Representações de Karma(Ação).

Sri Krishna, fala para Arjuna as seguintes palavras,

Há muito tempo, ó Anagha(sem culpa), proclamei um duplo modo de vida(nishtha) neste mundo - o Jnana-yoga para os Samhyas e o Karma-yoga para os yogins. (B.G FEUERSTEIN. 3.3)

Não é por não iniciar ações que o homem desfruta a transcendência da ação, nem pela renúncia somente que se aproxima da perfeição.(Ibidem.3-4)

Aqui fica claro que a palavra Karma designa “ação”, portanto, há uma maneira de agir que está de acordo com as Sastras, cujo resultado será a perfeição.

Para Swami, atualmente, o termo sânscrito karma já é praticamente de uso geral no Ocidente.

Embora seja refinado lançar mão da palavra em conversas, aceitar verdadeiramente o karma como uma realidade cósmica implica grandes consequências. Com efeito, o ponto central do karma são as consequências. Isso significa reações a toda ação, e não apenas àquelas que eventualmente escolhemos mensurar e considerar. A lei védica e universal do karma regula todas as ações e reações das entidades plenamente conscientes. (SWAMI, [2014].p.1

Parece que o termo Karma, ficou bastante comum entre os ocidentais, mesmo sem recorrer a origem e sentido da palavra, já usa-se com frequência, muitas vezes ao mencioná-la, as pessoas, em sua grande maioria, usa sem entender. Desde perguntas simples até as mais complexas o nome “Carma”, aparece. Segundo Swami:

Por que algumas pessoas nascem em um berço de ouro enquanto outras dormem cobertas por farrapos? Por que duas pessoas crescem nas mesmas circunstâncias, trabalham com o mesmo empenho para o sucesso e, ainda assim, obtêm resultados por inteiro diferentes? Por que uma pessoa nasce feia ou com pouca inteligência, e outra nasce bela ou inventiva? Os Vedas explicam que essas desigualdades rotineiras – um atributo inerente ao cosmos – são efeitos da lei do karma. Esse regulador universal confere as reações apropriadas à atividade humana. Atos pios e virtuosos trazem efeitos aprazíveis e desejáveis. Atos ímpios e egoístas trazem efeitos problemáticos e indesejáveis. Entre os dois polos de ações e reações boas e ruins, o ser humano pode experimentar inumeráveis misturas. (SWAMI[2014.p.1]).

Para a Doutrina Espírita, segundo Paula, a palavra “carma” não é mencionada em nenhum momento por Kardec, ou pelos espíritos comunicantes das obras básicas do Espiritismo:

entretanto, como sinônimo de ação, a cada nova existência o homem progredirá inexoravelmente, até atingir a perfeição. “Mas também nos ensinam que não há faltas imperdoáveis, que não possam ser apagadas pela expiação. Pela reencarnação, nas sucessivas existências, mediante seus esforços e desejos de melhoria no caminho do progresso, o homem avança sempre e alcança a perfeição, que é a sua destinação final”. (PAULA.[2014.p.1])

Perceba que a palavra Karma, como é mencionada no texto hinduísta da Bhagavad-gita, não aparece no Espiritismo, mas, o sentido é o mesmo. Alguns adeptos do Espiritismo, não indicam a utilização desse termo, como segue na visão de Pires:

Este termo não deve ser utilizado dentro do Espiritismo, por não se encontrar em nenhuma das Obras de Allan Kardec. A palavra carma foi “introduzida” recentemente no Espiritismo através das chamadas obras subsidiárias, ou seja, os livros psicografados “escritos por espíritos através de um médium”, mas não é utilizado em nenhum momento nas obras de Kardec (PIRES.2011.p.1)

Nas obras de Kardec, não há menção a palavra Karma, aparece apenas em obras posteriores, devendo assim ser evitada,

Sabemos, por orientação dos Espíritos, que quando reencarnamos não escolhemos um destino e sim um gênero de prova que cabe a cada um enfrentar ou recuar. Desta forma, não devemos usar a palavra Carma dentro do Espiritismo e sim Causa e Efeito, porque os detalhes dos acontecimentos da vida estão na dependência das circunstâncias que o homem provoca, com os seus atos. Se encarmos o carma como um fim total e irreduzível, teremos um problema sério quando falamos de existência e sofrimento.(Ibidem.p.1)

Para os Ocidentais a palavra Karma, ganhou um sentido muito próximo de sofrimento, dor ou fardo, que segundo Pires,

Para os ocidentais a palavra carma não deve ser levada ao pé da letra, mas de forma a entender que o indivíduo passa por situações difíceis e seu futuro é de sua responsabilidade. No Brasil poucas correntes filosóficas ou religiosas utilizam a palavra carma como os indianos, ou seja, um fim em si mesmo. (Ibidemp.1)

Enquanto na Gita, tá escrito:

Em toda a parte, as ações são executadas pelas qualidades primárias(gunas) da matriz do cosmo(prakriti). No entanto o homem iludido em si mesmo pelo sentido do ego pensa: “Eu sou o agente”. (B.G.F. 3.27)

Ninguém pode parar de agir no mundo material, há portanto, uma ação com uma intenção“superior”, esse tipo não gerará reação para o agente.

Pois nem mesmo por um instante pode alguém permanecer sem executar ações. Todo ser, com efeito, é inadvertidamente (avasha) levado a executar ações pelas qualidades primárias nascidas do cosmo.(Ibidem.3.5)

Há uma forte discordância na Doutrina Espírita com relação a origem do “Karma”:

O carma foi “inventado” pelos arianos, quando estes invadiram a Índia pelo rio Indo, trazendo consigo sua religiosidade e “criando” as castas para se diferenciarem dos párias e rebaixá-los a posições subalternas. Se pensarmos no carma como um fim último estagnamos o homem, da mesma forma quando aprovamos ou aceitamos a salvação apenas pela justificação da fé ou através da predestinação. (PIRES.op.cit.p.1)

Historicamente, não há como comprovarmos a fala de Pires, na citação acima, além do que , guarda uma forte tendência ao etnocentrismo. Na Gita, não há nenhuma interpretação nesse sentido, como se pode ler: Este mundo é agrilhado pela ação, exceto quando tal ação tem o sacrifício como objetivo. Com essa finalidade, ó filho de Kunti, livre de apego, dedica-se a ação. (B.G.F. 3.9)

Para o escritor Hernani Guimarães, há um sentido diferente em se tratando de Karma:

A maior contribuição do pensamento oriental ao Ocidente foi a noção de carma como um encadeamento de causas pretéritas formando o cenário e as condições de nossa vida presente. A palavra carma já está definitivamente incorporada ao vernáculo de todas as nações ocidentais, e mesmo as pessoas que não se identificam com a filosofia oriental ou com o movimento espírita sabem o que significa essa palavra e falam fluentemente sobre o carma, embora de forma muitas vezes simplista e distorcida. O pensamento comum supõe que um carma seja uma espécie de operação aritmética de soma e subtração, quando, na verdade, é uma função integral ultracomplexa em que um conjunto de causas interagem holograficamente para gerar um efeito.(ANDRADE.[2014.p.1])

Disse o Senhor bendito, em Yoga da Renúncia e da libertação,

Lançar fora a ação nascida do desejo é o que os bardos(videntes) conhecem como renúncia. O abandono do fruto de todas as ações é o que os sábios declaram ser o abandono. (B.G.F . 18.2.)

No verso, está mencionado que o desejo é o gerador da ação, portanto, há explicação dado por Pires, que a ideia de Karma teria sido criada para subjugar outros povos, não procede.

Segundo Srila Praphupada, estamos sempre experimentando um ou mais desses sofrimentos. Esta natureza material existe de tal modo que temos que sofrer; essa é a lei de Deus. E estamos tentando nos livrar do sofrimento através de uma mixórdia de remédios. Todos estão tentando encontrar alívio do sofrimento; isso é fato. Toda a peleja pela existência tem por meta o alívio do sofrimento.

A ideia principal sobre a ação, é que, de fato, não pode-se parar de agir, mas, deve-se agir de tal forma que esse “agir”, não traga uma sequência de reações trágicas e nosso caminho se torne mais difícil.

É melhor alguém dedicar-se à sua própria ocupação, mesmo que a execute imperfeitamente, do que aceitar a ocupação alheia, executando-a com perfeição. Os deveres prescritos conforme a natureza da pessoa nunca são afetados por reações pecaminosas. (B.G. c.18.47)

Sob a influência da ilusão, você está agora recusando agir segundo a Minha direção. Porém, compelido pelo trabalho que nasce de sua própria natureza, você acabará fatalmente agindo, ó filho de Kunti. (Ibidem.18.60)

Para quem não é renunciado, as três espécies de frutos da ação — os desejáveis, os indesejáveis e os mistos — germinam após a morte. Mas aqueles que estão na ordem de vida renunciada não experimentam este resultado sob a forma de sofrimento e prazer. (Ibidem.18.12)

Tendo uma inteligência que o purifica e controlando a mente com determinação, abandonando os objetos do gozo dos sentidos, estando livre do apego e do ódio, aquele que vive num lugar isolado, que come pouco, que controla seu corpo, mente e o poder da fala, que está sempre em transe e que é desapegado, livre do falso ego, da falsa força, do falso orgulho, da luxúria, da ira e que deixou de aceitar coisas materiais, que está livre da falsa ideia de propriedade e é pacífico — este com certeza elevou-se à posição de auto-realização. (Ibidem.51-53)

A natureza da Jiva-atman(alma) e do próprio universo é de movimento, não há como não agir, mas, toda a ação dever ser feita como reverência, como um ato sacrificial ao Supremo, a perfeição da ação é fazer tudo em conexão com o Senhor Absoluto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Buscar realizar um estudo de tradições religiosas diferentes, tanto no tempo, quanto no espaço não é uma tarefa fácil, ainda mais, quando se pretende fazer um diálogo ou aproximação entre elas. A histórica nos coloca frente aos fatos que dão solidez para fazermos uma análise sem cometermos erros grosseiros ou primários. Duas culturas religiosas distantes em tempo e espaço, mas, que compartilham de conceitos, mesmo que escritos de formas diferentes, guardam praticamente o mesmo sentido e prática. Primeiramente foi necessário tentar entender um pouco do contexto histórico aonde estão inseridos o Vainasvismo e o Espiritismo, buscando entender a prática do Orientalismo como uma condição discursiva do Ocidente, ou seja, o Oriente foi “inventado” discursivamente por ocidentais, como tratou Said em sua obra *Orientalismo*. Longe de ser um tema com uma finalização, estudar as práticas religiosas da Índia é uma tarefa árdua, mas, ao mesmo tempo, enriquecedora. Os pontos principais para essa proposta de estudo, foram analisados e confrontados, em parte, alcançamos os objetivos primordiais, como encontrar e analisar termos “correlatos” nas duas tradições religiosas, perceber as diferenças nos termos, mas, ao mesmo tempo, entender possíveis aproximações.

Digamos que o terceiro capítulo é o mais importante, pois, nele estão contidas as informações que tornaram essa pesquisa pertinente e de grande relevância, a análise de termos, a possível origem deles e o confronto entre eles. Percebendo muitas similaridades entre o pensamento, digamos, filosófico-histórico dos autores principais, Srila Praphupada e Allan Kardec, que mesmo estando, tão distantes cronologicamente, nos legaram um conhecimento atemporal, ao mesmo tempo, atual, complexo no campo de entendimento, porém, de fácil aplicação. Percebemos os focos de tensão, pois, não podemos aproximar e tornar igual tantos pontos, alguns são de fato equivalentes, outros nem tanto, o foco de ambas as tradições apontam para o caminho do aperfeiçoamento moral e espiritual do ser, seja ele conhecido como Jiva-atman ou como Espírito a trajetória do melhoramento, do aperfeiçoamento e da devoção devem ser o objetivo último da vida humana, se hora, estivemos em corpos de animais, hoje, estamos humanos, portanto, aproveitar a oportunidade para nos elevarmos às plataformas superiores em conhecimento, discernimento, aprendizado e sobretudo do amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Obras primárias:

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo.(1860). 8ª edição Boa nova. São Paulo. 2013.

_____.O Livro dos Espíritos. Ed. Boa Nova. São Paulo. 2013.

_____.O Livro dos Médiuns. Ed.Ide. São Paulo.2008

_____.A Gênese. 28º edição. Rio de Janeiro. FEB.2007.

_____.O Céu e o Inferno. 60ª edição. Rio de Janeiro. FEB.2007

BHAKTIVEDANTA, Swami, Abhay Charan. Bhagavad-gita como ele é. Bhaktivedanta Book Trust .BBT editora. São Paulo.1994

_____. Sri Caitanya Caritamrta. Bhaktivedanta Book Trust.BBT editora. São Paulo.2009.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, José Otávio. Do karatê ao kung fu: cinema, religião, elementos marciais e religiosos japoneses e chineses e sua recepção no Brasil (1984-2010) Religare, v.12, n.2, dezembro de 2015, p.260-277.

ARAUJO, Augusto. Espiritismo. Esta loucura do séc.XIX. Ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec. São Paulo. Fonte Editorial . 2016

CARVALHO, Leon Adam Gutierrez, “a suave invasão”: práticas e representações do movimento hare krishna em pernambuco (1973-1996).(dissertação em História. UFRP,2017)

CASTELLAN, Yvone. El Espiritismo.Buenos Aires.Los libros del Mirasol.1962.

DENIS, Léon. O problema do Ser, do destino e da dor. Editora FEB. Rio de Janeiro.2013.

DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. ed. Pensamento. São Paulo. 18ª reimpressão.2015

EMBREE, Ainslie. T.(1972). The Hindu Tradition. New York.Vintage

FEUERSTEIN, George. Bhagavad-gita. Uma nova tradução. São Paulo.Pensamento,2015.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre e CAVALCANTE, Paulo Ferreira. Transmigração da alma e reencarnação: uma análise comparativa entre o hinduísmo e o espiritismo. Diversidade Religiosa, v. 1, n.1, 2014, p.9.

_____.As dificuldades de estudo do pensamento dos Vedas. In. Antologia Védica. Ferreira, Gnerre,Possebon.(orgs). Libellus.João Pessoa.2016

- GONÇALVES, Iracilda Cavalcante de Freitas. Comunicação com os mortos : espiritismo, mediunidade e psicografia. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: Uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. Revista de Estudos da Religião. Nº01/2001/pp.44-56.
- GONZAGA de Sousa, Luiz.(2006)Comportamento & Moral. Edición electrónica. Texto completo em eumed.net.
- GOSWAMI,Satsvarupa Das. Introdução a Filosofia Védica.São Paulo. Bhaktivedanta book Trust.1986.
- GRONDIN,Jean - Que saber sobre Filosofia da Religião. São Paulo.copidesque.2009
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. São Paulo. Boa Nova Editora. 2004.
- KARNAL, Leandro. A origem das religiões comparadas. A fenomenologia e o “homem religioso” universal. Religião como conceito e como prática. Limites e possibilidades da comparação. Relatório de monitoria.Casa do Saber. SP. 2011.
- LANTERNARI, Vittorio. As Religiões dos Oprimidos: um estudo dos cultos messiânicos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- MARTINS, Roberto de Andrade. Muṇḍaka-Upaniṣad: o conhecimento de Brahman e do Ātman. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.
- MOURA, Gustavo H.Passos. O Bhagavata Purana. Sua doutrina e contribuições para a teoria educacional.Dissertação de mestrado. João Pessoa.2017.
- OLIVEIRA, Arilson Silva, A Índia muito além do incenso: um olhar sobre as origens, preceitos e práticas do vaishnavismo. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2009 Vol. 6 Ano VI nº 1, p.2.
- _____.Max Weber e a Índia: O Vaisnavismo e seu yoga em formação. Blucher Acadêmico. São Paulo.2009.
- PADEN, Willian E. Perspectivismo no estudo da religião. In.Experiências e interpretações do sagrado. Interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. Rodrigues, Júnior.(org)São Paulo. Paulinas. 2012
- PAULA, João Teixeira. Dicionário Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo. Volume III. São Paulo:Banco Cultural Brasileiro Editora, 1970.
- PIRES, Herculano Pires. O Espírito e o Tempo”São Paulo. Paideia. 2013,11ªEdição
- PRABHUPADA, A. C Bhaktivedanta Swami. Bhagavad –Gita – como ele é. São Paulo. The Bhaktivedanta Book Trust. 1995.

_____. Sri Caitanya Caritamrta. Adi Lila. Vol.1. The Bhaktivedanta Book Trust. São Paulo.1984.

_____. Srimad Bhagavatam . primeiro canto. Parte um. The Bhaktivedanta Book Trust. São Paulo.1995.

_____. Karma. A justiça infalível. São Paulo. Bhaktivedanta book trust. 2016

SAID, Edward. Orientalismo- o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

sites:

SWAMI, Purushatraya. Sanidade Espiritual. Rio de Janeiro. Sankirtana Books. 2013.

VALERA, Lucio. Revista Religare V. 2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

_____. A Mística devocional(bhakti) como experiência estética(rasa): um estudo do bhakti-rasamrta-sindhu de Rupa Goswami(Tese de Doutorado em Ciência da Religião). Juiz de Fora-MG.2015

SITES:

ANDRADE. Hernani Guimarães. Vários ângulos do carma. http://www.espiritualismo.info/karma.html#15.3_-_VaRIOS_aNGULOS[2014] Acesso em 20 de dez.2017

PURUSHATRAYA. pswami.com.br. Acesso em nov.2017

XAVIER, Ademir. Alguns paralelos espíritas. Disponível www.eradoespirito.blogspot.com.br Acesso em 11 de nov.2017

PRABHU, Mahesvara. Doutrina Espírita e Vaisnavismo .2010. Disponível em <http://bhakti-tattva.blogspot.com.br/2012/07>

DASA, Bhagavan. Revista de Volta ao Supremo. Disponível <https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/bhagavad-gita-e-reencarnacao/acesso> em 12 de nov.2017

CETANARAHITA, Dasa, Quem é Krishna.2015. Disponível em <http://pt.krishna.com/> acesso em 15 de maio de 2018.

<http://sacrooficiosublime.blogspot.com/2009/08/ser-vaisnava-um-guia-de-comportamento.html> acesso em 15 de maio de 2018.

DASA, Loka-sakshi. Morte e Renascimento no Hinduísmo. <https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/morte-e-renascimento-no-hinduismo/> acesso em 19 de maio de 2018.

PAULA, Vitor Sérgio de. Carma, destino e livre-arbitrio na visao-espírita. <http://www.institutochicoxavier.com/index.php/informativo/o-que-e-o-espiritismo-2/1604>. Acesso em 09 de dezembro 2017.

SWAMI, Devamrita. [https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/o-karma-a-consciencia-e-a-teoria-de-tudo/\[2014\]](https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/o-karma-a-consciencia-e-a-teoria-de-tudo/[2014]). Acesso em 08 de junho de 2018.